

# Para além da caricatura: o conteúdo laudatório na imprensa ilustrada rio-grandina

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**101**



UNIVERSIDADE  
AbERTA  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)  
Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





# **Para além da caricatura: o conteúdo laudatório na imprensa ilustrada rio- grandina**



**- 101 -**



## **CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO**

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# Para além da caricatura: o conteúdo laudatório na imprensa ilustrada rio-grandina



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2025

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves

**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil

**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo

**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres

**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira

**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco

**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

## **Ficha Técnica**

- Título: Para além da caricatura: o conteúdo laudatório na imprensa ilustrada rio-grandina
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 101
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Maio de 2025

ISBN – 978-65-5306-029-6

**CAPA:** MARUÍ. Rio Grande, 7 nov. 1880; e BISTURI. Rio Grande, 3 dez. 1893.

## **Sobre o autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.



## Apresentação

O periodismo de natureza ilustrado-humorística foi um dos mais apreciados no Brasil oitocentista. A associação entre a imagem oriunda da arte caricatural e litográfica e textos em geral mais diretos e curtos, mormente em comparação com as exposições da imprensa dita séria, trouxe às folhas caricatas significativa popularidade, uma vez que se dava uma conexão mais imediata entre os periódicos e a linguagem praticada no cotidiano das sociedades. Nesse sentido, desde o Rio de Janeiro, foco irradiador da cultura nacional, até várias das unidades administrativas brasileiras, notadamente em suas principais cidades, os semanários caricatos tiveram uma expressiva expansão quantitativa e qualitativa<sup>1</sup>. O Rio Grande do Sul e uma de suas principais comunidades de então, a cidade do Rio Grande, vivenciam também tal avanço do periodismo caricato, com a circulação de vários títulos.

Concomitantemente ao predominante espírito crítico, as publicações ilustrado-humorísticas destinaram

---

<sup>1</sup> A respeito de tal expansão, ver: FLEIUS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1916. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

amplo espaço para a execução de homenagens a determinada personalidades, tornando-se essa uma prática recorrente na maior parte dos periódicos de tal gênero em todo o contexto brasileiro, incluindo os representantes do periodismo rio-grandino. Essas incursões encomiásticas continham registros imagéticos e textuais que envolviam um discurso elogioso a pessoas<sup>2</sup>, vinculando-se igualmente a uma expressão de louvor para com alguém, de maneira que seu conteúdo glorifica pessoas vivas ou mortas<sup>3</sup>. No caso dos homenageados em vida, houve o destaque para o papel social exercido pela personalidade em pauta, com ênfase às propaladas qualificações que justificariam a suposta proeminência, ao passo que os preitos fúnebres traziam o acréscimo do registro público do passamento do personagem em questão, visando à sua glorificação e alocação em meio à memória coletiva<sup>4</sup>. Este livro destaca as abordagens encomiásticas presentes nos periódicos rio-grandinos *Maruí* e *Bisturi*.

---

<sup>2</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 167, 171-172 e 499.

<sup>3</sup> SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 45, 163, 165, 169 e 339.

<sup>4</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.; ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.; e GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 19.

# SUMÁRIO

*Maruí / 13*

*Bisturi (1892-1893) / 57*



## *Maruí*

O *Maruí* foi uma publicação ilustrada e humorística editada na cidade do Rio Grande entre 1880 e 1882 e seu título se referia a um inseto, espécie de mosquito, trazendo a insinuação que pretendia dar suas “picadas” e incomodar a sociedade rio-grandina. E assim o foi, praticando ferrenha crítica social e de costumes, sem deixar de lado também a política. Gerou várias polêmicas na urbe portuária, levando seu proprietário/redator/caricaturista às barras dos tribunais, sofrendo com processos por difamação, além de uma certa vigilância por parte das autoridades públicas<sup>5</sup>.

Apesar dessa vida atribulada e da constância editorial embasada no riso, na jocosidade, na ironia, na sátira, no sarcasmo e, essencialmente, no espírito crítico, mostrando-se como uma espécie de fiscal da sociedade, observando, analisando e diagnosticando soluções para o que considerava desvios sociais, o *Maruí* não fugiu à tradição das folhas de seu gênero do século XIX e trouxe várias homenagens, páginas de honra e registros imagéticos/textuais acerca de personalidades que pretendia colocar em destaque. Muitas vezes o

---

<sup>5</sup> Sobre o percurso do *Maruí*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 168-183.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 194-217.

semanário optou por apresentar apenas o retrato ou uma alegoria envolvendo a imagem da figura enfatizada, sem o acompanhamento de um texto explicativo<sup>6</sup>. Já quando lançou mão do recurso textual, na maior parte dos casos, utilizou-se de pequenas notas e breve informes redacionais, bem de acordo com a linguagem mais direta e concisa que utilizava na busca por uma comunicação direta e objetiva com seus leitores. Tais registros de cunho panegírico do *Maruí*, que associaram o retrato da personalidade em pauta com a informação textual, envolveram personagens das mais variadas áreas da atuação humana.

A respeito de um escritor sul-rio-grandense, com projeção nacional, a folha caricata dizia que, “em nossa página de honra apresentamos o retrato do ilustre poeta” Manoel José de Araújo Porto Alegre, “cuja morte foi um acontecimento doloroso para a sociedade brasileira”. Diante disso, afirmava que “a nossa literatura se não perdeu nele um dos seus primeiros vultos, lamenta, contudo, o desaparecimento de um poeta distinto”. Ressaltava que, “à falta absoluta de dados com que possamos traçar a biografia do inspirado autor, limitamo-nos a dar ligeira notícia da sua vida”. O relato referia-se à formação educacional do personagem, realizada no Brasil e no exterior, bem como suas ações profissionais, destacando que ele era “autor de diversos dramas e comédias, de muitas poesias e versos heroicos, líricos e humorísticos, sem revelar mais especialidades por este ou por aquele gênero”. Informava ainda que tal

---

<sup>6</sup> Tais incidências de registros encomiásticos imagéticos sem o acompanhamento de respectivos textos são abordadas no número 102 desta *Coleção*.

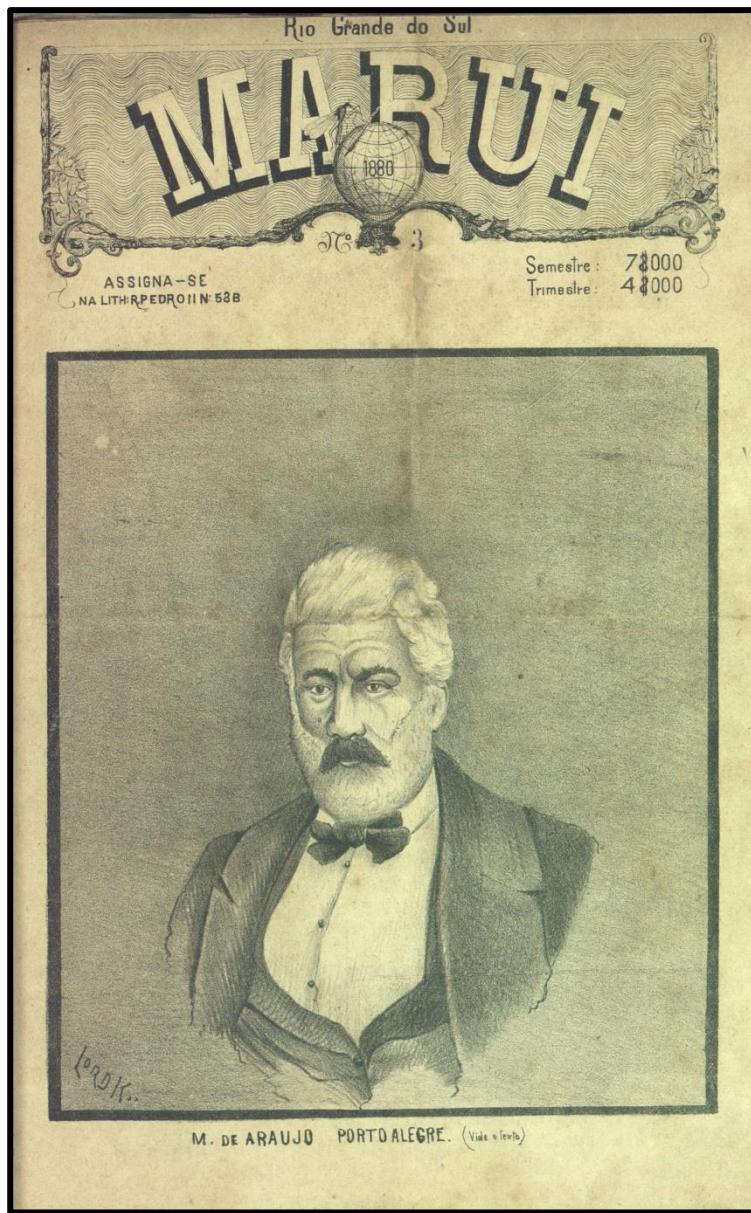
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

personalidade escrevera “em muitos jornais e revistas, ocupou diversos cargos de confiança política e foi assaz distinguido pelo governo imperial em honrosas comissões”, além de pertencer “a diversas sociedades científicas da Europa e da América”, de modo que “o Brasil perdeu um poeta de elevado merecimento e principalmente um dos seus mais distintos caráteres”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> MARUÍ. Rio Grande, 18 jan. 1880.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Outro destaque foi para o Conselheiro Gaspar Silveira Martins, ficando demarcado que “ocupa a primeira página deste jornal o retrato do distinto tribuno rio-grandense, que muitos e relevantes serviços tem prestado ao país” e, mormente, “a esta Província, já como ministro de Estado e já como representante da nação”. Ainda a respeito do político, dizia que “o Rio Grande do Sul se ufana de ter-lhe dado o berço e lhe tributa a sua mais profunda homenagem de gratidão”, de maneira que “lhe dará um dia na história do país o lugar de honra e de distinção a que o tem elevado o seu talento”. Em conclusão, declarava que “nós, como humildes e admiradores de suas nobres qualidades e virtudes, nos congratulamos em que o seu retrato ocupe o lugar de honra que lhe damos neste jornal”<sup>8</sup>. A respeito do coronel João Simões Lopes, o Visconde da Graça, era dito que “o Maruí tem satisfação em oferecer aos seus assinantes o retrato de um infatigável obreiro do progresso e útil ao engrandecimento da Província”. Afiançava assim que, a “Biblioteca Pública Pelotense e todos os melhoramentos materiais que se relacionam com o progresso de Pelotas”, achavam-se vinculados a tal “prestigioso nome”, o qual era considerado como “um rio-grandense distinto e que, além disso, se recomenda pelos atos humanitários que pratica”. Ao final, o periódico conclamava que “aceite o ilustre cidadão a expressiva e sincera manifestação do mais alto apreço que lhe tributamos”<sup>9</sup>.

---

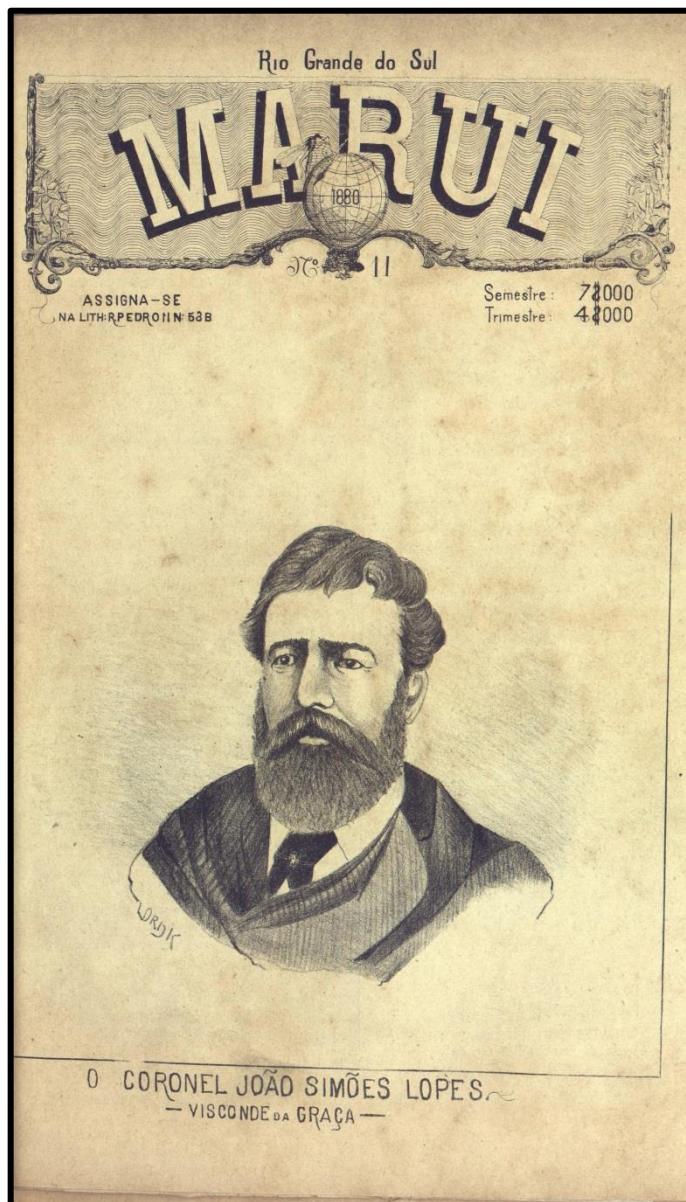
<sup>8</sup> MARUÍ. Rio Grande, 7 mar. 1880.

<sup>9</sup> MARUÍ. Rio Grande, 14 mar. 1880.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



Sob a denominação de um “distinto jovem”, de nome Joaquim da Costa Ferreira, ocorreu outra incursão encomiástica do semanário. Tratava-se de “um visitante”, pois o “simpático jovem” achava-se “brevemente entre nós, procedente de Montevidéu, onde é guarda-livros”. O motivo da visita era o “grave incômodo de sua progenitora, dando assim uma prova eloquente do seu afeto pela família”. A folha desejava-lhe “agradável permanência entre nós”, fazendo “votos pelo pronto restabelecimento de sua velha mãe”<sup>10</sup>. Passando da menção circunstancial para uma homenagem mais convencional, o periódico trouxe à baila a figura do veterano militar e político gaúcho, general Visconde de Pelotas, o qual também recebeu um preito de parte do hebdomadário, segundo o qual “ocupa hoje a nossa primeira página o busto do venerando herói” e “um dos muitos gloriosos guerreiros que no campo da honra souberam enobrecer o pendão da terra de Santa Cruz”. Afirmava que o personagem em pauta, “depois de ter exposto sua vida em holocausto à honra da terra que o viu nascer”, seria “investido do mais honroso cargo que um coração patriota pode aspirar”, dando “novo lustre a seu nome no ministério da guerra, lugar para que foi chamado a dirigir”. A folha se dizia certa de que ele não haveria de “desdourar o prestígio que alcançou com a ponta de sua espada” passando “por cima de todos os interesses partidários para só cuidar do bem-estar de nossa infeliz pátria que por tantos e medonhos solavancos tem passado”. Desejando que “não chegue em tempo algum a prova do contrário”, a redação manifestava “a honra de saudar o

---

<sup>10</sup> MARUÍ. Rio Grande, 11 abr. 1880.

## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

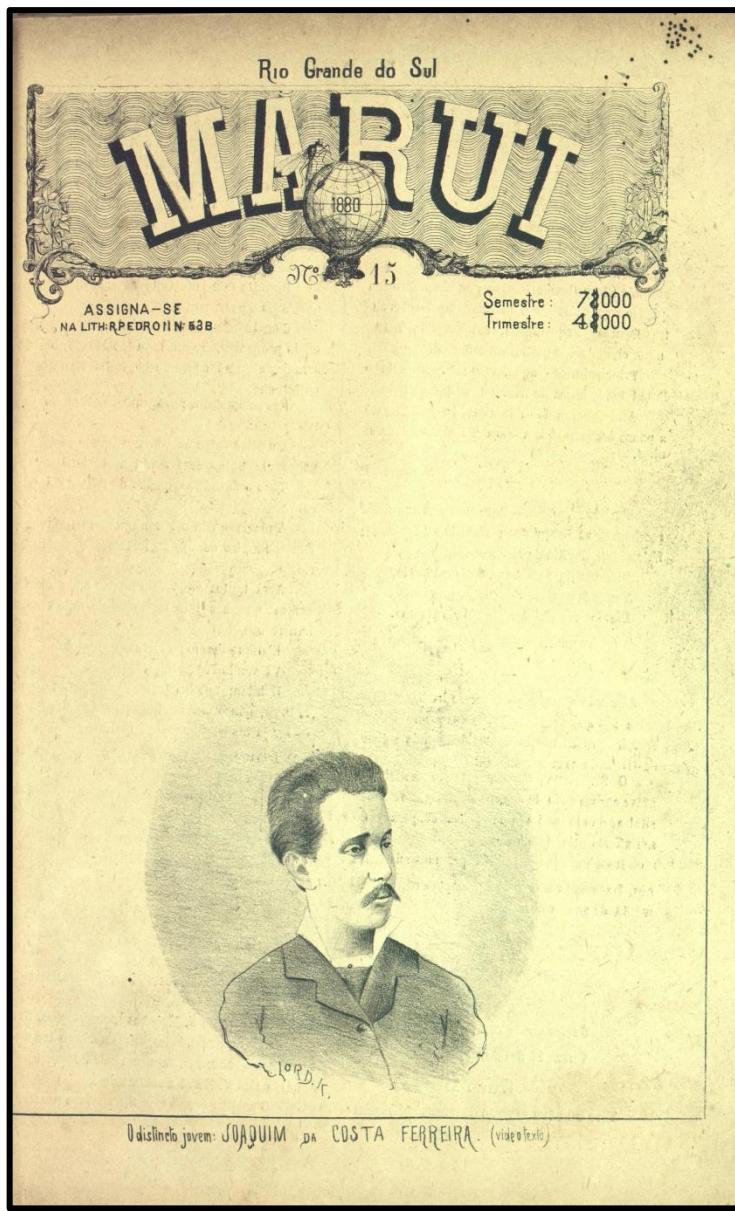
glorioso Visconde de Pelotas”<sup>11</sup>. Outro militar colocado em destaque pelo semanário foi o Duque de Caxias, em “memória que rende o Maruí ao invicto cabo de guerra”, vindo a divulgar que “há poucos dias nos transmitiu o telégrafo a desagradável notícia do falecimento” de tal personalidade. Diante disso, comentava que “recapitular aqui, neste pequeno espaço, todas as glórias que aureolam o nome daquele varão”, seria “um trabalho insano que às forças da nossa pena não cabem, e por isso, apenas reportamos nossos leitores à história do Brasil”, na qual ele “ocupa um lugar brilhantíssimo”. Também ressaltava que “apresentamos hoje em nossa primeira página o seu retrato”, na condição da “única prova de admiração que lhe podemos dar”, em um momento no qual “a pátria chora a morte de um dos seus filhos mais queridos” e “o exército um de seus temíveis generais”, ficando as “armas em funeral”<sup>12</sup>.

---

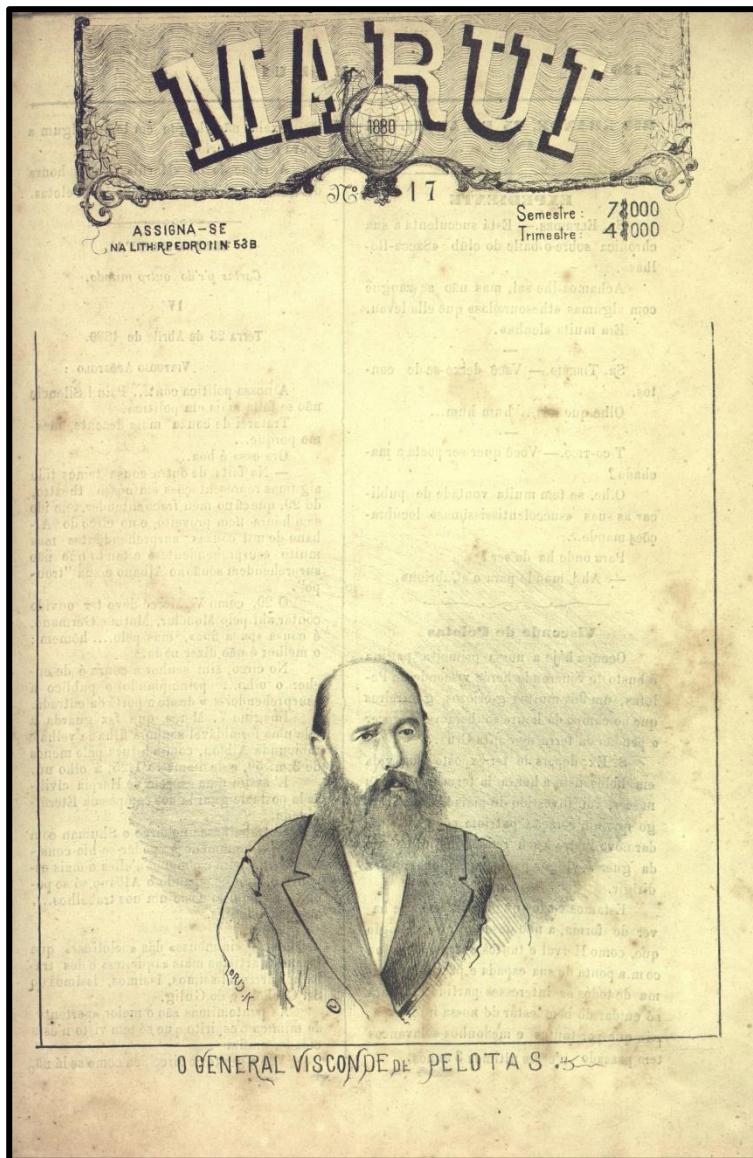
<sup>11</sup> MARUÍ. Rio Grande, 25 abr. 1880.

<sup>12</sup> MARUÍ. Rio Grande, 16 maio 1880.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



**PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA**



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

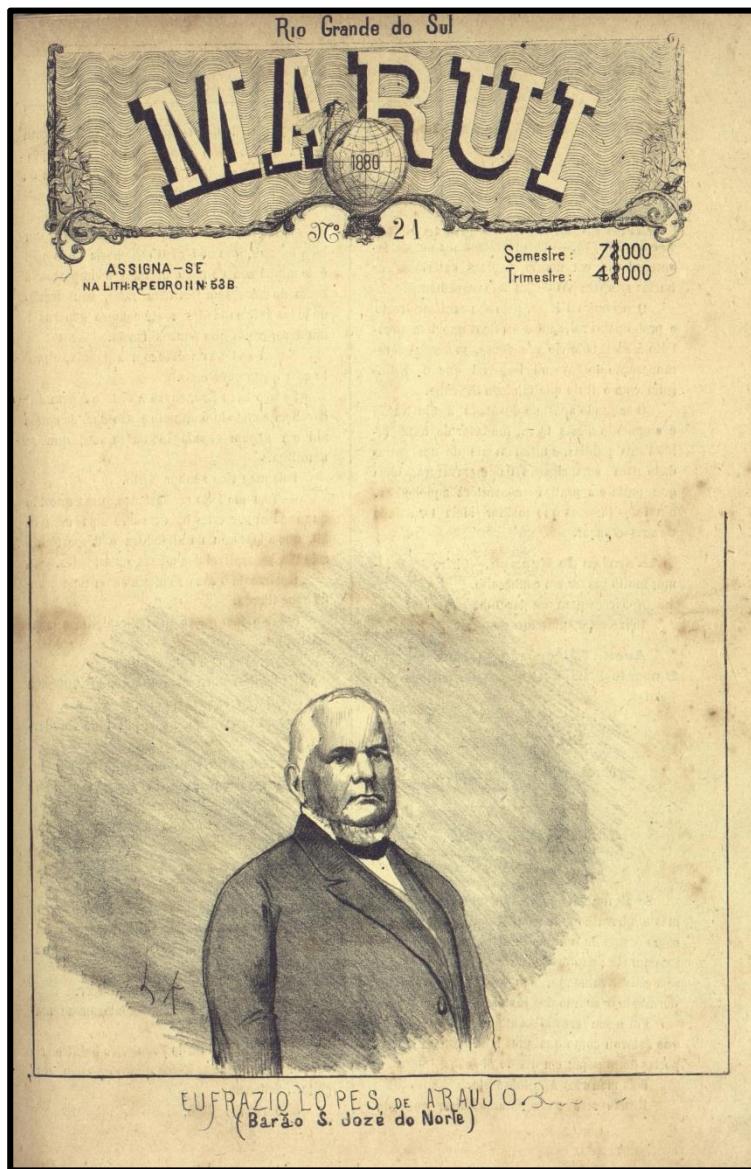
Eufrásio Lopes de Araújo, o Barão de São José do Norte, foi demarcado pela folha como um “simpático cavalheiro” que, “pelo seu caráter reto e probo” e “pelos relevantes serviços que tem prestado à sociedade riograndense”, teria merecido “a remuneração do governo imperial que o distinguiu com o título que tão bem lhe cabe”. Já outro “simpático cavalheiro” colocado em destaque, vinha ao encontro do movimento abolicionista, que ganhava terreno pelo país, inclusive no Rio Grande do Sul e na cidade do Rio Grande, como deixou demarcado o *Maruí*, ao homenagear Alfredo Luiz de Melo, apontado como o “iniciador da fundação da Sociedade Emancipadora dos Escravos”. A respeito deste último, a folha dizia tratar-se de um “apóstolo devotado à ilustração e aumento desta terra”, como “fundador de uma biblioteca pública e de uma sociedade para emancipação da escravatura, ideia que posta em prática” converteria tal indivíduo “num dos liberais que melhor ideia terá dado de suas crenças”<sup>13</sup>. Em relação a um músico ainda menino, chamado Eugênio Dangremont, o *Maruí* apresentava-o como um “jovem rabequista brasileiro”, publicando brevíssima nota, segundo a qual, brevemente chegará a esta cidade este prodígio brasileiro, que pretende exibir-se no Teatro Sete de Setembro”<sup>14</sup>.

---

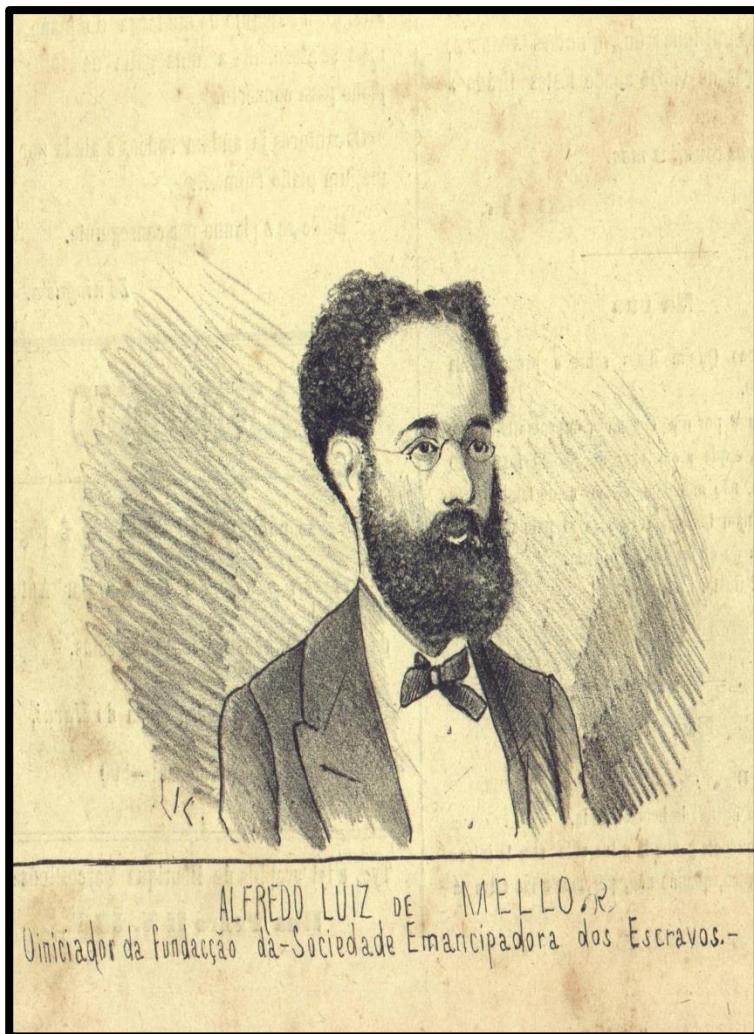
<sup>13</sup> MARUÍ. Rio Grande, 23 maio 1880.

<sup>14</sup> MARUÍ. Rio Grande, 1º ago. 1880.

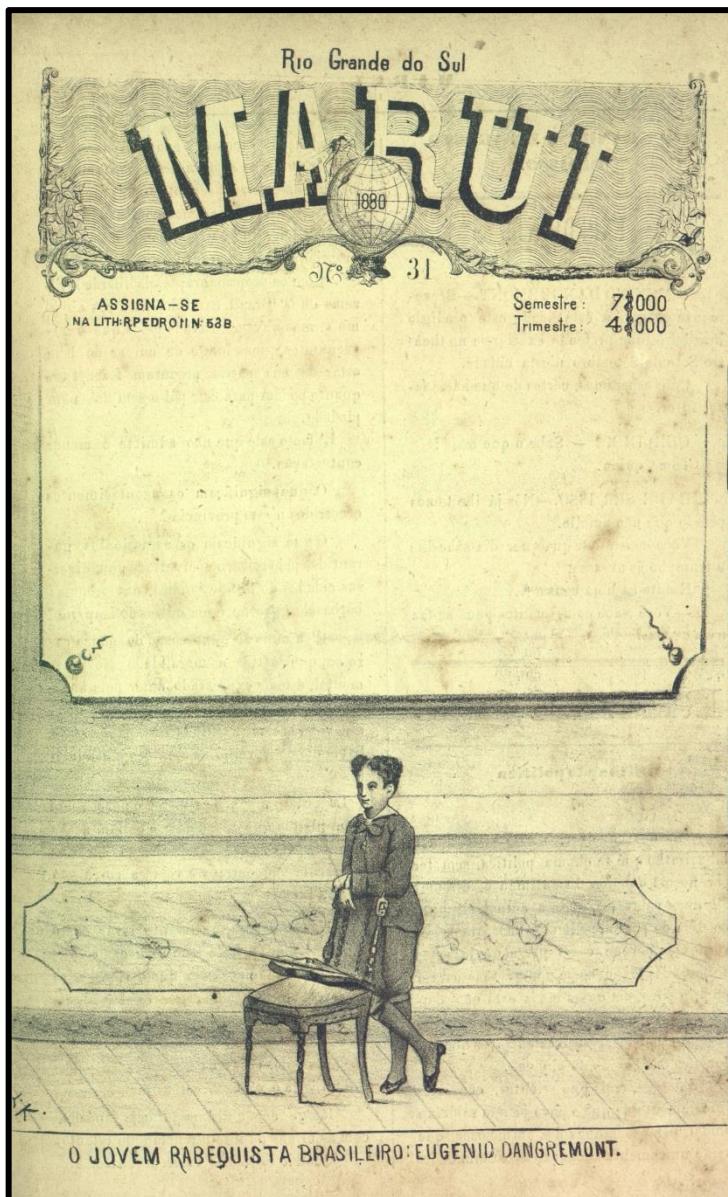
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

O escritor Lúcio Gonçalves Crespo era distinguido como “distinto poeta brasileiro” e “um dos nossos mais robustos talentos práticos da atual literatura portuguesa”. Explicitava que ele, “entre outros trabalhos deu à luz um volume de poesias que tem merecido os elogios dos críticos mais austeros”. Ainda destacava que o poeta era “formado na Universidade de Coimbra e esposo da talentosa escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho”, bem como “tem exercido diversos cargos públicos”, sendo “ultimamente deputado às cortes portuguesas, onde desempenhou um brilhante papel”<sup>15</sup>. A intelectualidade lusa também apareceu representada nas páginas do semanário rio-grandino, que estampou o retrato de Júlio Cesar Machado, destacando que “vai para trinta anos que fulgura nas letras portuguesas este nome simpático”, constituindo três décadas “de uma vida literária límpida como a alma do escritor que soube sempre tirar a salvo a alegria” e a “bonomia do seu caráter” em meio aos “embates dos homens e a contrariedade da vida, esse escolho inevitável onde tantos espíritos fortes naufragam”. Comentava ainda que o escritor teria “nascido a par de uma forte geração intelectual que em todos os ramos do saber afirmou a sua possante robustez”, e fora “criado ao lado de homens que, na imprensa, na tribuna, no magistério têm agitado com vigoroso impulso as ideias mais avançadas do século”. Diante disso, ele, “furtando-se discretamente a toda a invasão nos domínios alheios”, criara “para si uma esfera própria, luminosa e ampla, onde ele sozinho, indisputavelmente, impera e reina”. Considerava que a personalidade em pauta tinha “claro

---

<sup>15</sup> MARUÍ. Rio Grande, 5 set. 1880.

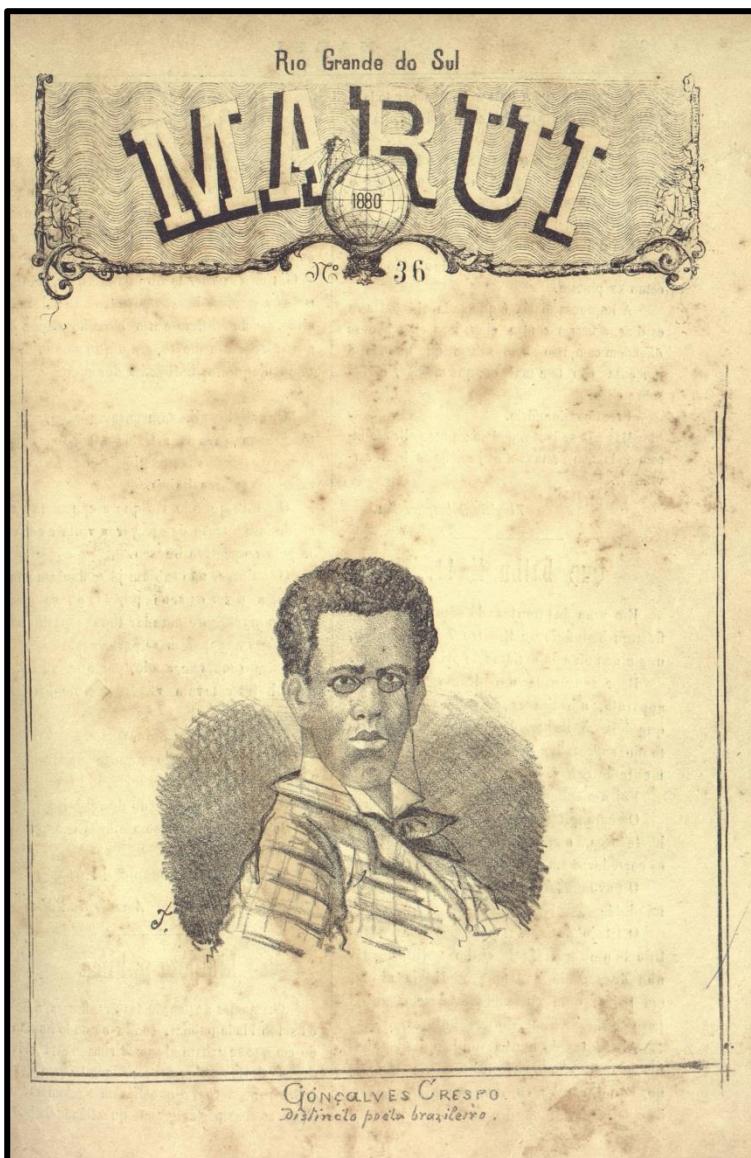
## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

talento”, que norteara “o seu destino de homem de letras”, com os “dotes” da “segura vocação”, da “perseverança no estudo” e do “mais correto e bem educado gosto”, de maneira que, a partir “deste conjunto de prendas excepcionais” foi “que se formou” a sua “personalidade literária”, surgindo “um dos mais elegantes e graciosos escritores e, sem contestação, o primeiro folhetinista”<sup>16</sup>.

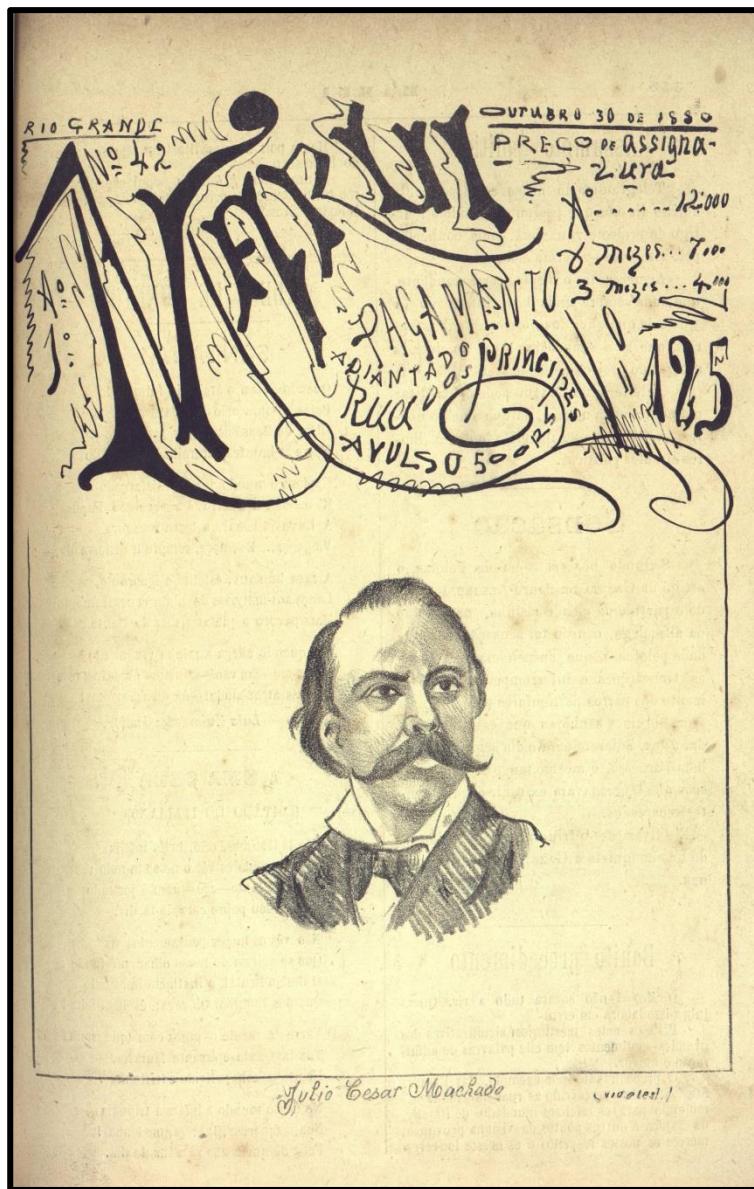
---

<sup>16</sup> MARUÍ. Rio Grande, 30 out. 1880.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

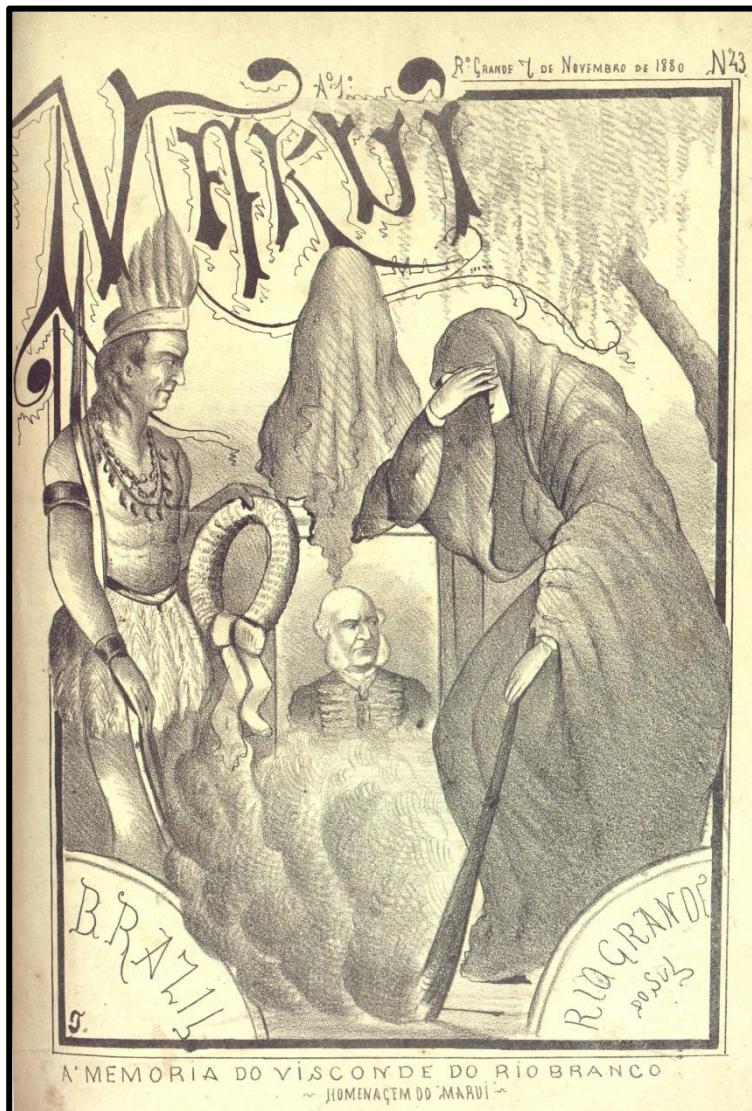
O Brasil representado pelo indígena e a Província do Rio Grande do Sul, por uma dama de luto, compunham a alegoria da “Homenagem do Maruí à memória do Visconde do Rio Branco”, a qual era acompanhada por conteúdo textual segundo o qual “o golpe que feriu com a morte” de tal personalidade política “o coração da pátria e todos os bons compatriotas, atingiu também o Maruí, que se presa de venerar os grandes vultos desta jovem e esperançosa nacionalidade”. Nesse quadro, a folha dizia estar tomando “parte no luto geral e sobre a tumba do egrégio patrício” estaria a depositar “também a nossa coroa de saudades”, dando “glória ao Visconde do Rio Branco” e “pêsames à sua ilustre família”<sup>17</sup>. Mais um “distinto e simpático jovem” foi alvo das saudações do periódico, tratando-se de Efísio Anedda, dando-lhe “o retrato na página de honra”, tendo em vista que seria “incontestavelmente um artista notável”. A publicação lamentava “que o estreito espaço deste jornal não” permitisse “fazer algumas apreciações dos importantes e inapreciáveis trabalhos executados caprichosamente e de elevado mérito artístico” pelo personagem enfatizado, o qual era descrito como “artista extremamente modesto, afável e polido”, em “predicados” que serviram para que conquistasse “estima e simpatia das pessoas”. Desse modo, considerava que o “talento e modesto artista” mereceria aquela “insignificante, mas sincera homenagem”<sup>18</sup>.

---

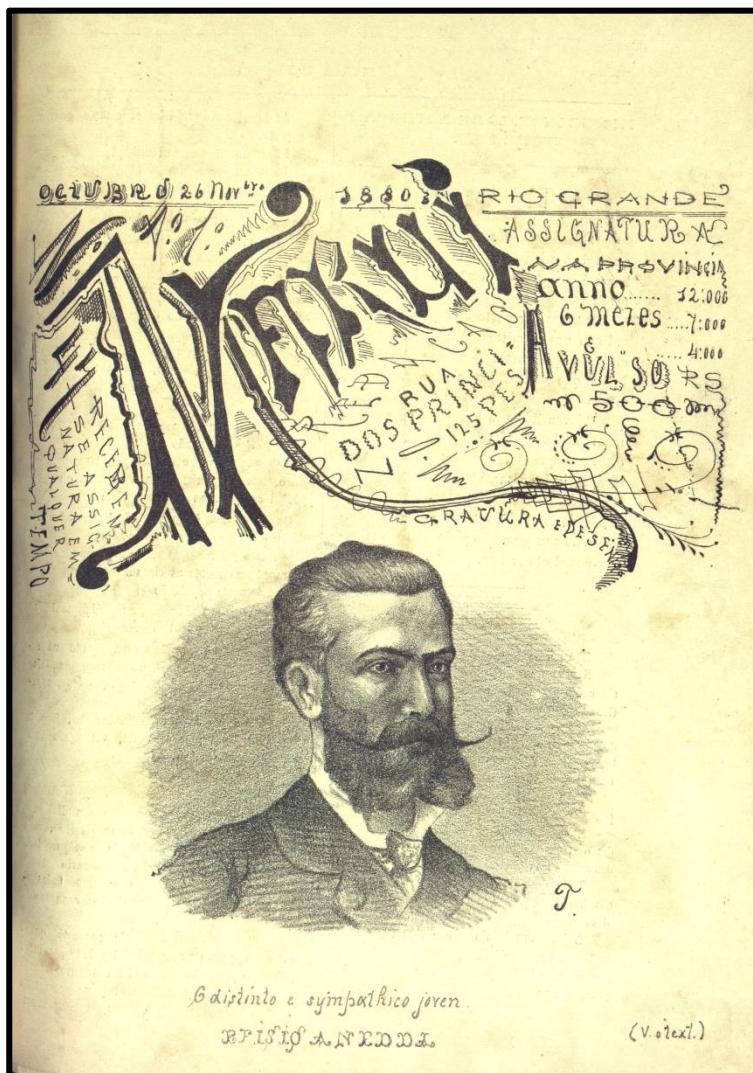
<sup>17</sup> MARUÍ. Rio Grande, 7 nov. 1880.

<sup>18</sup> MARUÍ. Rio Grande, 28 nov. 1880.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



Sobre o nome de Dias Braga, havia a qualificação do semanário na condição de “simpático e festejado ator” e ainda como “um dos mais populares atores dos que têm trabalhado em nosso teatro”. A folha ilustrada dizia que “não há quem não goste de vê-lo trabalhar e quem não sinta por ele verdadeira simpatia”, de maneira que, o “drama em que o festejado artista não trabalha, perde valor para o público, tal é a popularidade de que goza no seio deste generoso povo”. A folha afiançava que a admiração pelo artista era geral, fosse entre os “homens fleumáticos, indiferentes, que vão ao teatro apenas para acompanhar a família”, fossem “as autoridades em assuntos teatrais, os críticos eméritos” e também entre o “sexo gentil”, de forma que “todos o apreciam”<sup>19</sup>. Ainda no campo artístico, a publicação ilustrada rio-grandina rendeu preito a Antônio José Moniz, apontado como “inteligente e aplaudido autor e ator”, sendo publicado um poema recitado em sua homenagem, durante uma exibição teatral:

Não venho trazer-te flores...  
Não as tenho para dar-te;  
Flores? Posso ofertar-te  
Somente as do coração.  
Se a arte é mãe carinhosa,  
Pisando da glória os trilhos,  
Nós somos todos seus filhos,  
E tu, Moniz, meu irmão.

Eu sei bem que o teu talento,  
Que o teu aspirar de artista,  
Somente visa à conquista,

---

<sup>19</sup> MARUÍ. Rio Grande, 16 jan. 1881.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Da glória – o grande ideal...  
Vejo bem que nessa fronte,  
Que a inteligência enobrece,  
Brilha, fulge e resplandece –  
Um fulgurante sinal.

Esse sinal diz – virtude,  
Esse sinal diz – talento,  
Diz que tu tens sentimento,  
Diz que tu tens coração;  
Que do templo augusto da arte  
Respeitas a santidade,  
E do altar da divindade  
Nunca fizeste balcão.

És artista, e só artista...  
Sentes na alma esse atrativo,  
Que faz do livre – um cativo,  
Que faz do fraco – um herói...  
Vês nas névoas do futuro,  
Envolta nos véus da história,  
Sorrir-te a imagem de glória,  
Que o tempo nunca destrói.

Vai, artista, vai, caminha,  
Sem que o martírio te importe...  
Há uma estrela – a do norte,  
Que os viajantes conduz.  
Tens por ti – a mocidade,  
Tens por ti – o pensamento,  
Tens coragem, tens talento...  
Vamos... caminha para a luz.

E hoje, irmão, que este povo  
Nos seus braços te levanta,  
Que teus triunfos decanta

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

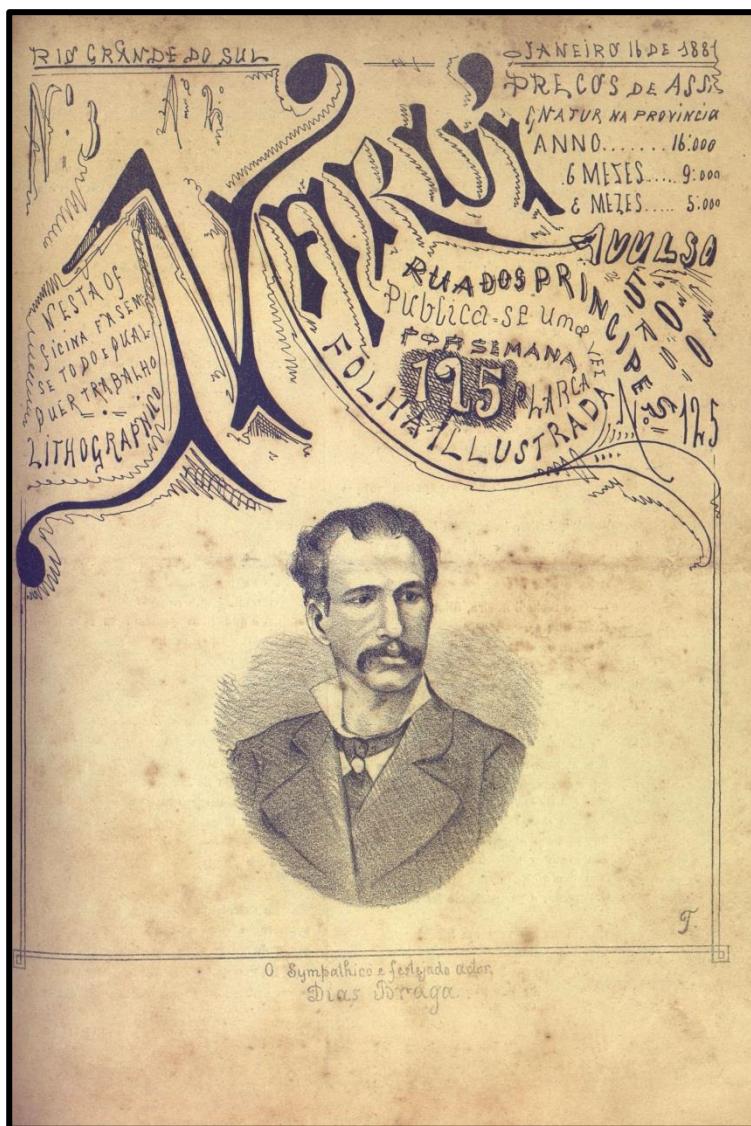
Em ruidosa ovação;  
Pedirei-te que eu junte, artista,  
Da mocidade aos vítoreos,  
As pobres e humildes flores  
De um fraterno coração.

Aceita-as... são a homenagem  
Que aos teus méritos pertence...  
Olha: o povo rio-grandense  
Como, entre palmas, te diz!...  
Nesta noite assinalada,  
Que te aplaude tanta gente,  
Também eu venho, contente,  
Dar-te um abraço, Moniz.<sup>20</sup>

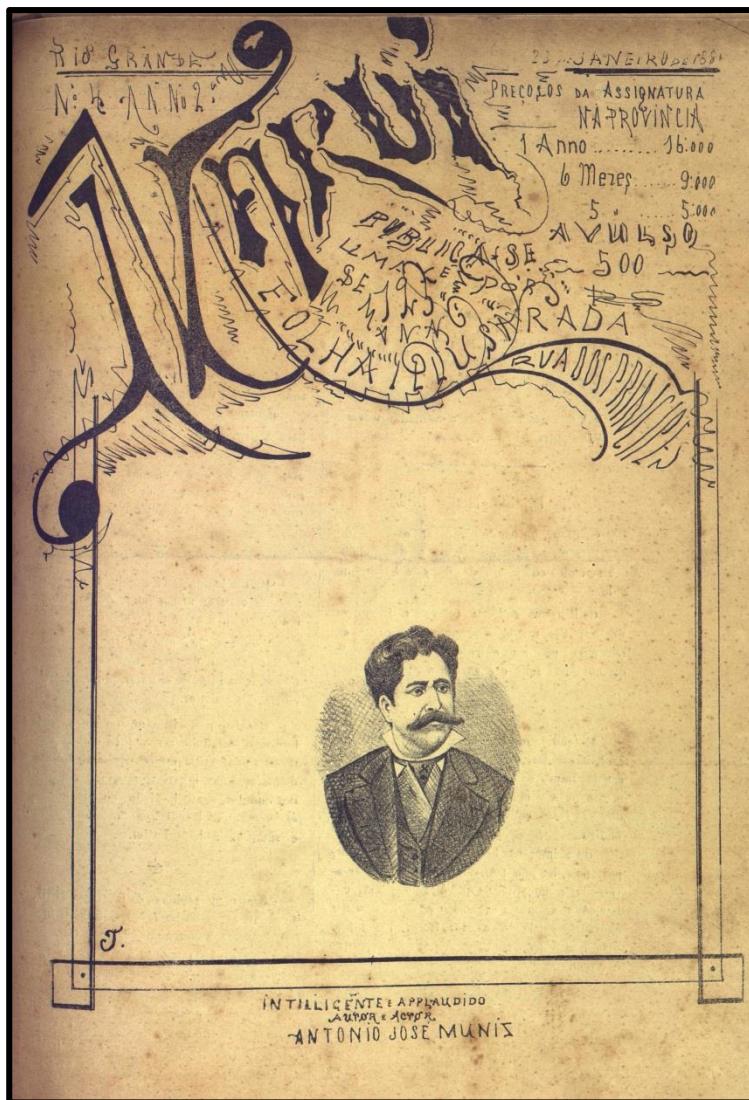
---

<sup>20</sup> MARUÍ. Rio Grande, 23 jan. 1881.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



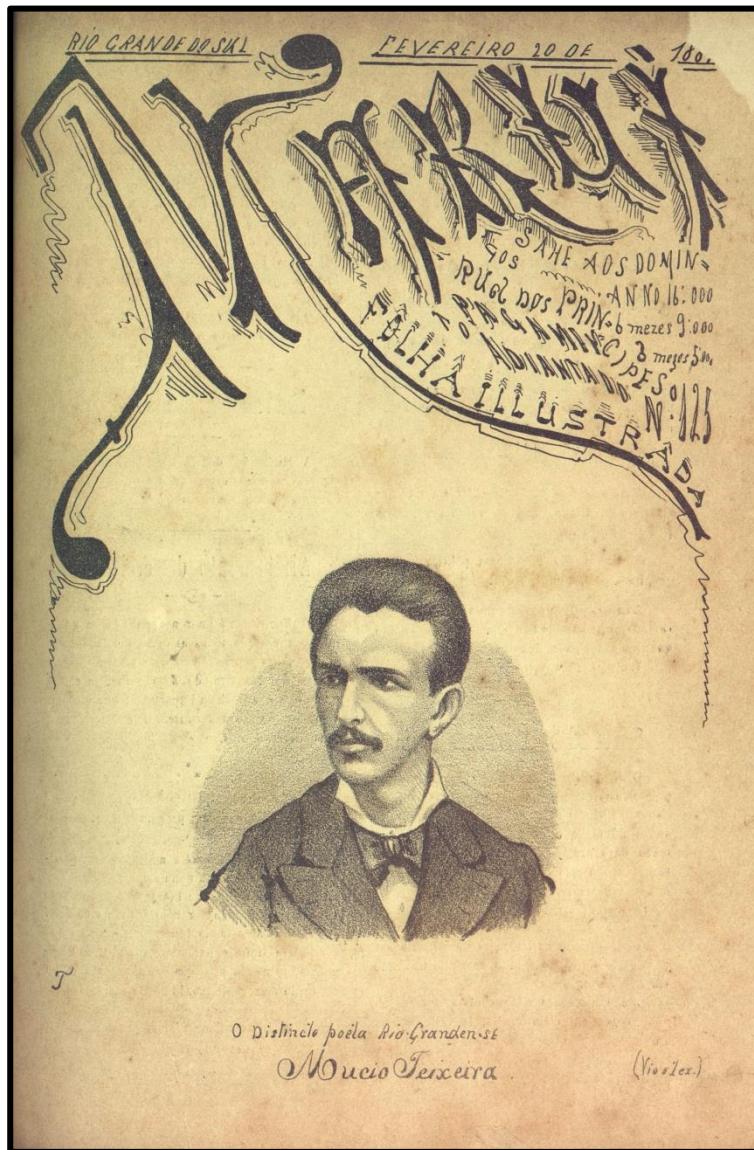
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Passando do campo teatral para o literário, um novo destaque do hebdomadário foi Múcio Teixeira, designado como “distinto poeta rio-grandense”. A respeito do mesmo era afirmado que “o Maruí tem hoje a honra de oferecer ao público o retrato de um dos mais ilustres filhos do pampa, e de quem se pode dizer sem medo de errar”, que saíra “do berço cantando”, tendo “já enriquecido a literatura pátria com preciosos livros”, sobre os quais “a imprensa não só da nossa terra como do Velho Mundo tem sido unânime em aplaudir”. Também era anunciado que esse “talento privilegiado parece que vê novos horizontes se abrirem diante de si”, seguindo, “cheio de fé e crença no futuro, que será sem dúvida algo esplêndido”, pois o “seu nome que é aureolado de glória voa levado pela tuba da fama”, sendo “repetido com entusiasmo em todos os círculos literários”. Finalmente era informado que “o distinto escritor, atualmente secretário do governo da Província do Espírito Santo, acaba de visitar sua terra natal”, na qual “veio colher verdejantes louros para a sua esplêndida coroa”, apresentando a folha, com “ardentes votos”, o desejo de que “galernos ventos o conduzam ao porto de seu destino”<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> MARUÍ. Rio Grande, 20 fev. 1881.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



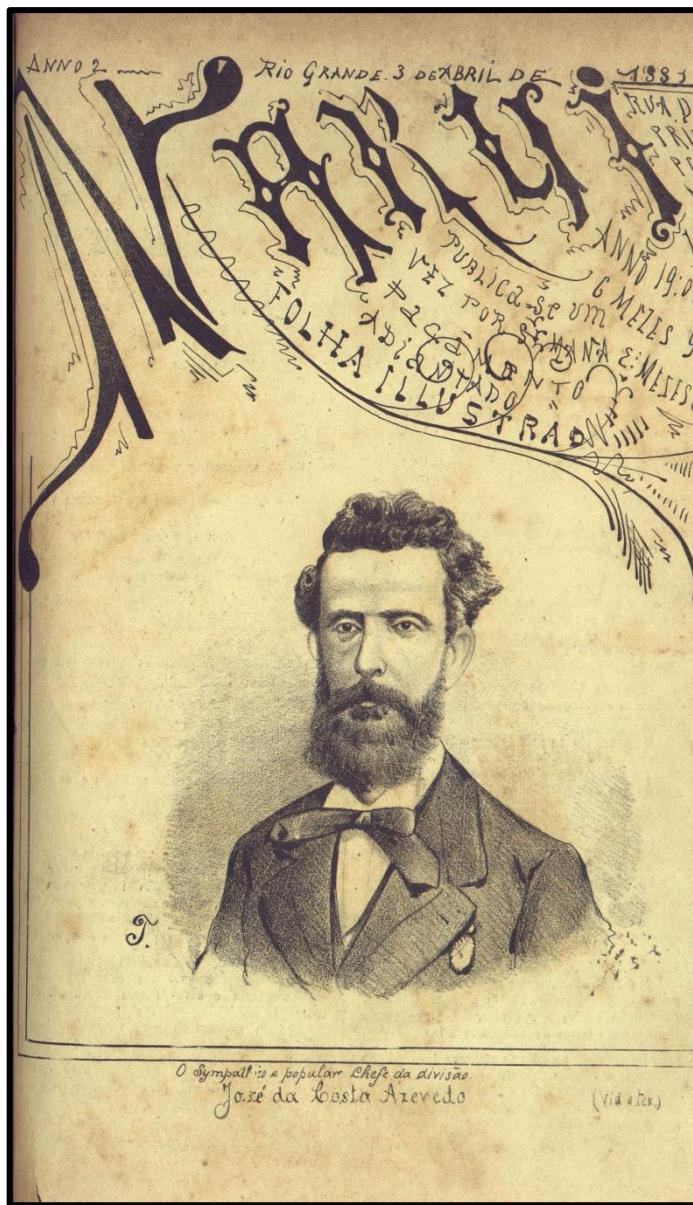
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

A presença do militar José da Costa Azevedo, apontado na condição de “simpático e popular chefe da divisão”, era apresentada com a consideração de que “a página de honra deste jornal está hoje consagrada ao retrato do distinto cidadão”, que era “conhecido pelo nome que serve de epígrafe, e que tantos e tão relevantes serviços tem prestado à nossa pátria”. Ainda a respeito do homenageado, declarava que “esse nome simboliza também para esta cidade a recordação bem viva daquele que conseguiu plantar nesta cidade a bandeira da verdadeira democracia”. Diante disso, o periódico pretendia “recordar aos numerosos amigos deste digno cidadão alguns traços ligeiros de sua gloriosa vida”, passando a discorrer sobre a sua formação e detalhando sua jornada servindo à marinha imperial, com ênfase às ações durante a Guerra do Paraguai. Concluindo, o semanário arrematava que naqueles “ligeiros e mal coordenados apontamentos” estava “o que foi e o que é – no nosso Brasil – a vida daquele que se chama José da Costa Azevedo, chefe de divisão da armada”, para o qual estaria “sem dúvida reservado na benemerência da pátria bem merecida distinção”<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> MARUÍ. Rio Grande, 3 abr. 1881.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



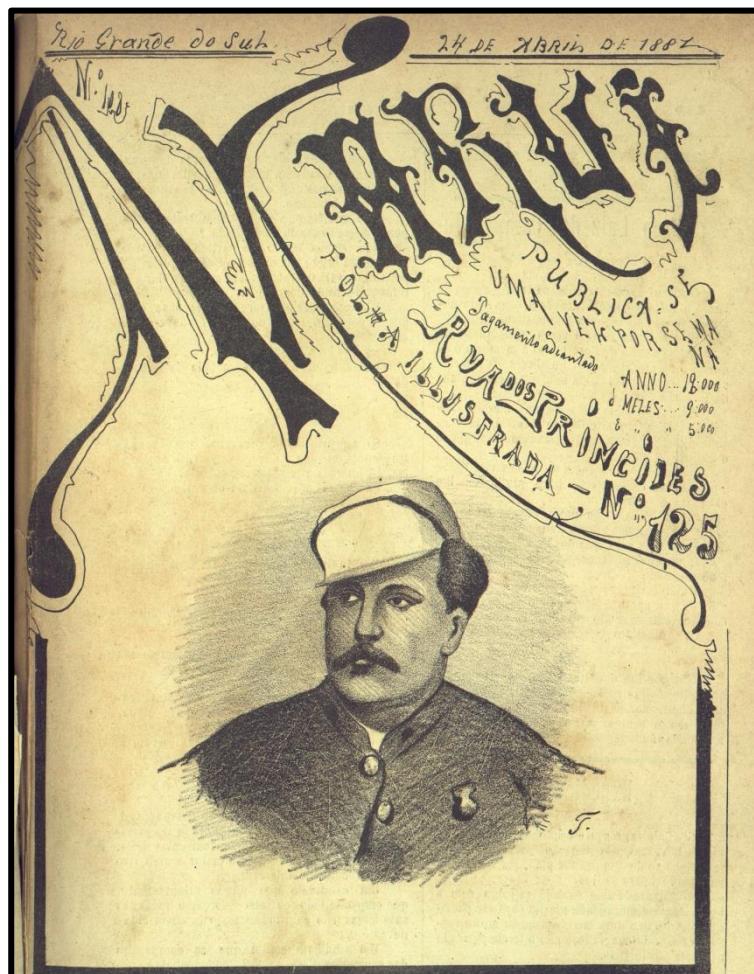
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

O âmbito jornalístico foi enaltecido pelo periódico ilustrado ao trazer coluna sobre o tenente Francisco Luiz de Campos Júnior, na qual demarcava que “o *Maruí* apresenta hoje na sua página de honra o retrato do nosso finado colega cujo nome serve de epígrafe a este pequeno artigo”. Tal inserção teria por significado “um fraco, mas sincero testemunho de saudade e respeito” prestado “à memória daquele que transpôs os umbrais da eternidade, deixando a família imersa em profunda e acerba dor”. A respeito do homenageado era observado que fora “um soldado valente e um enérgico batalhador da imprensa, que tem a missão de corrigir e castigar a gargalhada do ridículo e o bisturi do sarcasmo”. Reconhecia que ele “tinha defeitos, mas em compensação boas qualidades lhe ornavam o espírito”, ressaltando os seus vínculos familiares e os “sentimentos de amizade” que lhe cercavam. A partir de tais constatações, a redação afirmava que “nós que lhe devemos algumas atenções e que dele sempre recebemos prova de delicadeza e cavalheirismo, partilhamos a dor da família”, vertendo “sobre seu túmulo lágrimas de sincera e funda saudade”<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> MARUÍ. Rio Grande, 24 abr. 1881.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O 2º Tenente  
Francisco Luiz de Campos Jún.  
(VIDOTE TESTE)

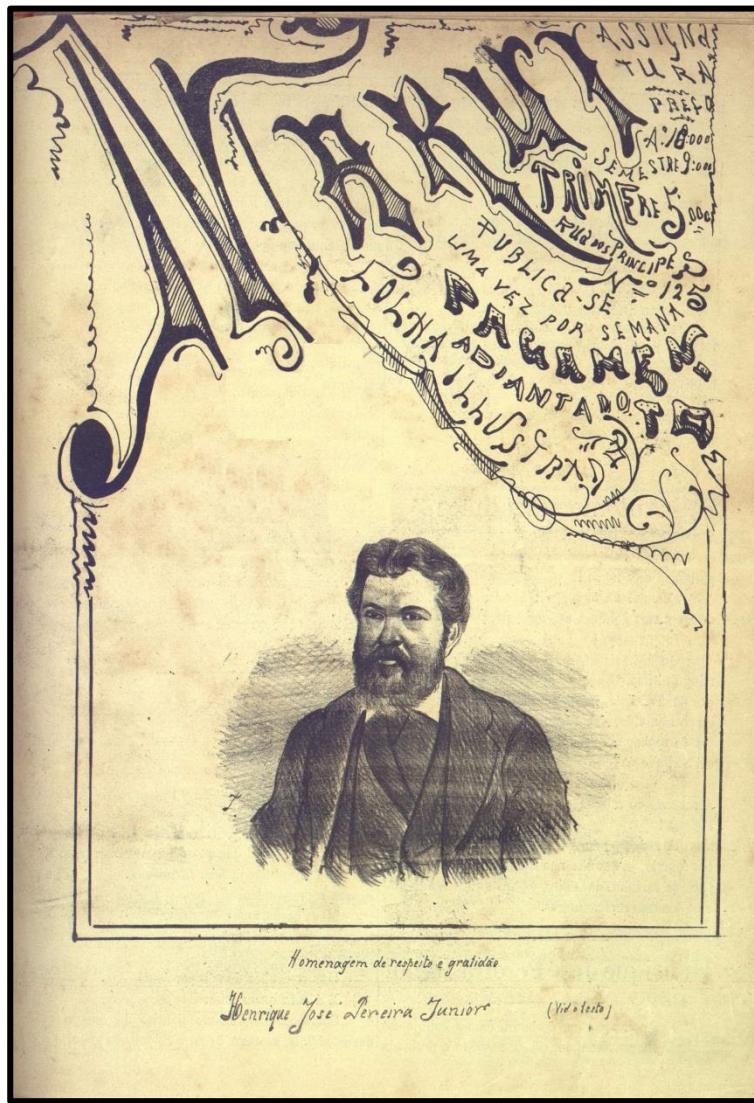
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Uma nova “homenagem de respeito e gratidão” foi destinada a Henrique José Pereira Júnior, que surgia “na nossa página de honra como modesta homenagem do nosso respeito e profunda gratidão”, trazendo “o retrato do distinto moço cujo nome” aparecia como “epígrafe a este ligeiro artigo”. Tal personalidade era considerada como “um dos mais brilhantes ornamentos do nosso corpo comercial, não pela importância dos seus capitais, mas pela sua honestidade a toda a prova”, como também “pela sua esclarecida inteligência” e “pela lisura das suas transações e reconhecida aptidão”. A folha buscava confirmar que “a prova mais evidente da justeza destes nossos conceitos” seria “a carreira que tem feito no comércio”, no qual, “se não ocupa importantíssima posição, tem conquistado créditos que outros não conseguem em longos anos”. Ele era ainda apreciado como “cavalheiro na verdadeira acepção da palavra, afável e atencioso com todos”, vindo a representar “um desses cidadãos que, pelas suas qualidades e pelo seu préstimo, constituem um ornamento da sociedade”. Os elogios se estendiam à sua ação “nos afazeres diurnos e nas íntimas alegrias do lar doméstico”. Nesse sentido, era concluído que, “o Maruí, sem vislumbres de lisonja, e somente inspirado pela verdade e pela justiça”, vinha a desvanecer-se por “prestar esta modesta homenagem a quem tanto aprecia pelo seu caráter e pelas suas nobres qualidades”<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> MARUÍ. Rio Grande, 10 jul. 1881.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



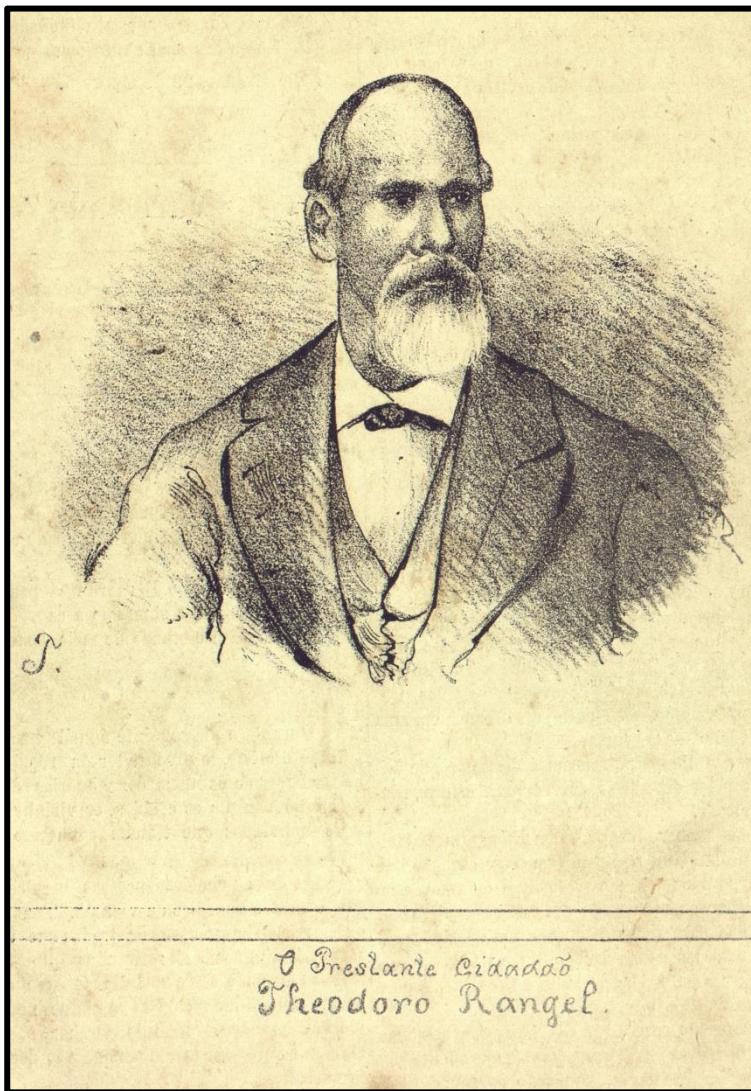
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Na condição de autoridade policial, Teodoro Rangel também compôs o rol de homenageados da publicação rio-grandina, segundo a qual “honra hoje uma das páginas do nosso jornal, o retrato deste distinto e prestante cidadão”. A folha declarava que julgava “supérfluo fazer a enumeração dos relevantíssimos serviços” que o mesmo “tem prestado à causa pública, no desempenho de sua honrosa missão de delegado de polícia”, atuando como uma “autoridade enérgica, ativa, imparcial e justiceira”. Ressaltava “quantas vezes tem ele abandonado as comodidades do lar, a bem do interesse público, na perseguição de audaciosos gatunos”, ao invadir “esconderijos de roubo e destruindo esses focos de crimes, de imoralidade e de repugnante depravação”. Dando um rápido indício de seu espírito crítico, o semanário desejava que “todos soubessem imitá-lo no desempenho de seus cargos”, lamentando “ver ao lado deste distinto e incansável funcionário público companheiros” que, ao invés “de auxiliarem-no nesta dificultosa missão, só servem para envergonhá-lo, movendo-se unicamente quando visam” a “algum *ganho* ou recebem alguma miserável promessa”. Nessa linha, garantia não se curvar “ante o opulento cujo mérito consiste na sua posição pecuniária”, fazendo-o apenas perante “o homem inteligente e de prestígio, tributando-lhe sincera e espontânea homenagem de apreço e gratidão”, como seria o caso, “apresentando o retrato do cidadão Teodoro Rangel”<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> MARUÍ. Rio Grande, 30 out. 1881.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



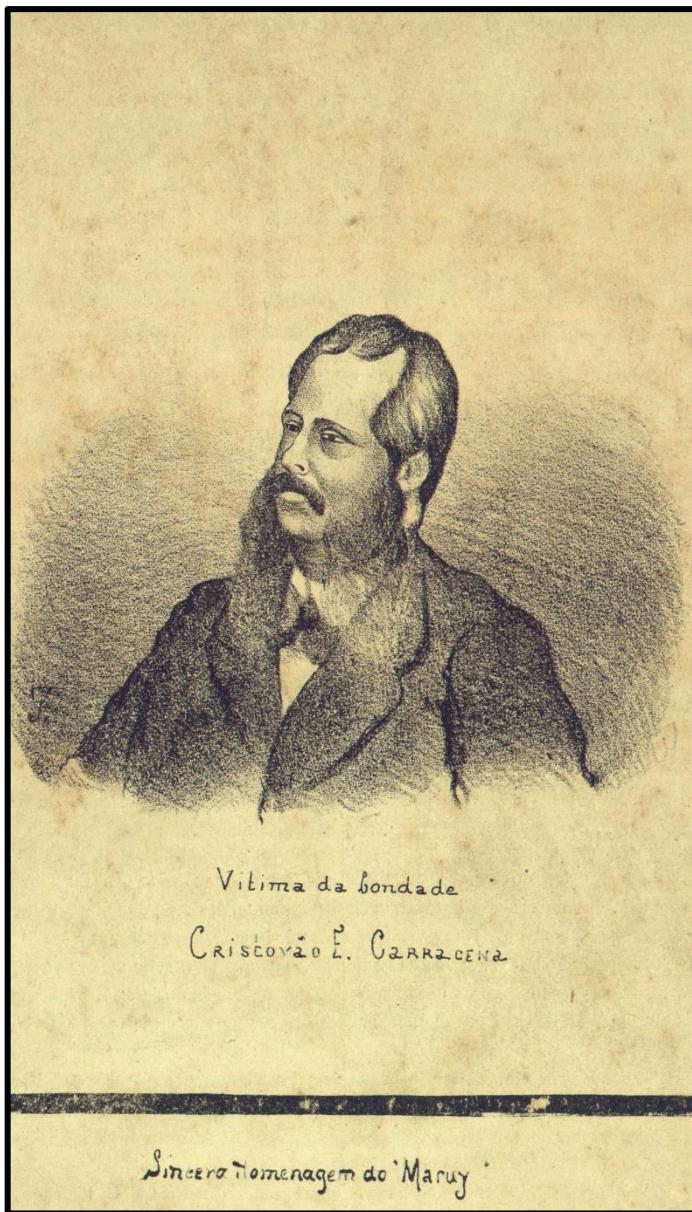
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

O preito da publicação rio-grandina voltou-se a “uma vítima da bondade”, como caracterizou Cristóvão Eugênio Carracena, para o qual dedicava a “sincera homenagem do *Maruí*”. No artigo correspondente, a folha afirmava que, “vitimado pela fatal e inexorável Parca, desapareceu deste vasto cenário que se chama mundo, o honrado cidadão cujo nome coroa esta singela homenagem”. A respeito do mesmo dizia que “contava 42 anos de idade, mas, mártir, sua curta vida de peregrino equivalia a muitos séculos”, além de possuir “um nobre coração e uma alma generosa”, sendo “honesto em toda a acepção da palavra, cavalheiro como os que mais o sabem ser, de modo que “contava os amigos pela quantidade inumerada de suas relações”. Outras qualidades exaltadas vinculavam-se à perspectiva de ser “um desses caráteres que se impõe pela bondade, que cativam pela sinceridade e que fascinam pela altivez”, aparecendo como “um tipo de probidade e honradez”, em um quadro pelo qual “era o seu nome a mais segura garantia de confiança que gozava na distinta classe comercial da qual era digno membro”. Havia ainda uma referência aos reveses sofridos por tal personalidade, advindos de “sua excessiva bondade e boa fé” e das “calúnias que lhe atiravam seus miseráveis detratores”, conseguindo, porém, vencê-los. Ao final, a redação declarava que “o *Maruí* deposita sobre a lápide fira que encerra o corpo do malogrado cidadão uma lágrima de saudade”<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> MARUÍ. Rio Grande, 25 dez. 1881.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Vitima da bondade

Criseovão L. Carranca

Sincera homenagem do 'Maruy'

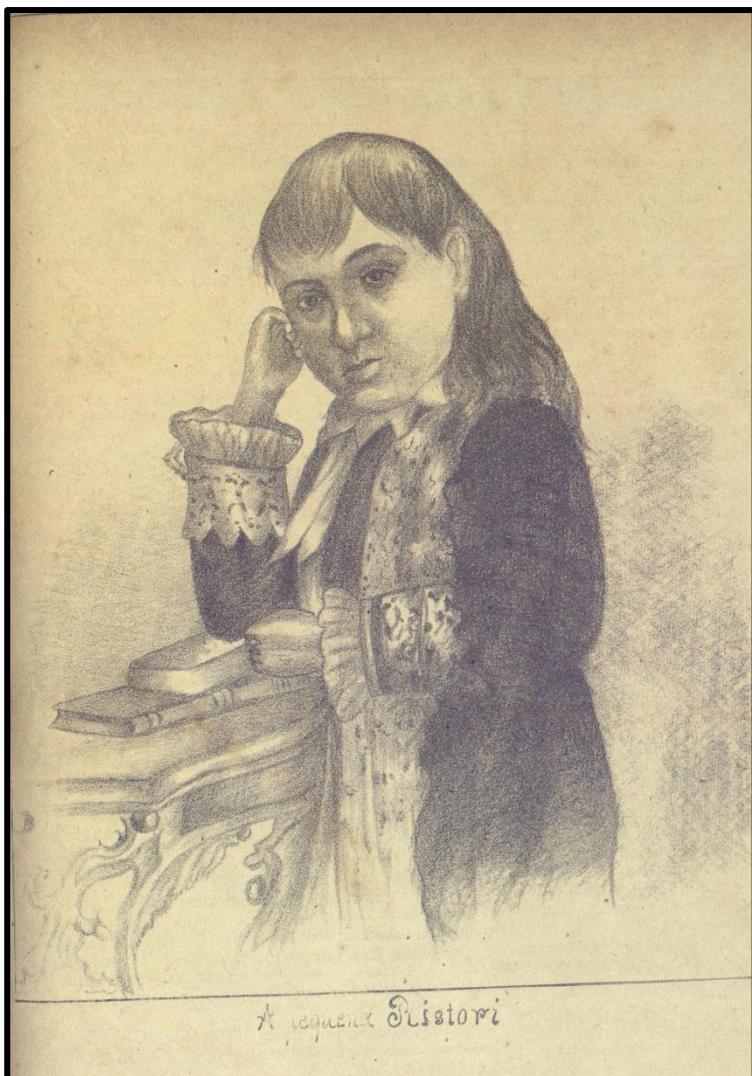
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Já perto do encerramento de sua circulação, o *Maruí* apresentou matéria especial sobre a jovem artista Gemma Cuniberti, destacando que “damos hoje o retrato da pequena Ristori, deste fenomenal talento dramático”. Referia-se assim a um “assombroso gênio, de que tem tratado a imprensa inteira da América e da Europa”, ao transcrever notícia de acordo com a qual, no Rio de Janeiro, a “menina continua a sua larga série de triunfos artísticos, fazendo admirar o seu genial talento em cada peça do seu vasto e interessante repertório”, em meio ao qual “os mais festejados dramaturgos italianos engastaram finas joias”. As considerações sobre ela eram superlativas, considerando que não se sabendo o que poderia ser esperado acerca da “prodigiosa menina”, ainda em “tenra idade”, pois “nunca foi nem será provavelmente excedida”, tal “portentosa criaturinha, que já é cediço elogiar”. Eram apontadas certas dificuldades pelas quais a jovem atriz passou em sua vida familiar, para depois voltar aos elogios direcionados à “assombrosa criança, que patenteia uma natureza privilegiada, verdadeira cristalização da intuição dramática”. Ela era ainda definida como “esplêndida” e “fenomenal” e prognosticada para o futuro como “a maior atriz que o mundo tenha visto”, por tratar-se de “um prodígio” e uma “extraordinária criança”<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> MARUÍ. Rio Grande, 26 fev. 1882.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A pequena História

## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Dessa maneira, ao longo do período em que foi editado, o semanário ilustrado e humorístico rio-grandino manteve o hábito comum aos periódicos de seu gênero, traduzido na inclusão de material laudatório em suas páginas. Tal prática vinculava-se às intenções de criar um mecanismo que buscava suavizar as interfaces com o público, pois se de um lado, por padrão, lançava críticas ácidas, intentava amenizar a ação das mesmas, por meio de um elo harmônico para com a sociedade, expresso pelas inserções panegíricas. A relevância editorial e a atenção do *Maruí* para com o conteúdo encomiástico, notadamente o de natureza imagética, ficava bem demarcada a partir do seguinte aviso que publicou:

Tendo nós de distribuir um prêmio aos amáveis favorecedores contendo o retrato de todas as autoridades civis, militares, de terra e mar, médicos e advogados, rogamos aos senhores o obséquio de nos enviarem as respectivas fotografias, que lhes serão devolvidos logo após a formação do quadro.

Fazemos este pedido para não haver dúvidas mais tarde na omissão de retratos que não nos forem enviados, e porque não nos é possível fazer o pedido a cada um pessoalmente. Se conseguirmos todos os retratos ficará o quadro completo e brevemente será publicado.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> MARUÍ. Rio Grande, 11 jul. 1880.



## *Bisturi (1892-1893)*

O *Bisturi* circulou na cidade do Rio Grande de forma contínua entre 1888 e 1893, não deixando de existir posteriormente, com edições mais rarefeitas até a metade da década de 1910. Dentre os periódicos ilustrado-humorísticos rio-grandinos foi um dos mais contumazes em termos de uma recorrente prática da crítica social e de costumes, e, ainda com maior ênfase, da política. Tal postura traria um custo altíssimo ao semanário que se viu cercado de vigilância próxima das autoridades, mormente as policiais, de perseguições, ameaças e até mesmo aprisionamento de seu proprietário. Esse cerco tornou-se ainda mais apertado nos primeiros anos republicanos, quando o periódico se colocou na oposição e mesmo na resistência para com os modelos autoritários colocados em práticas na esfera nacional e na estadual. Apesar da ferrenha censura e do implacável cerceamento, o hebdomadário resistiu enquanto pôde frente à pressão do aparelho do Estado, a qual praticamente anulava o direito à liberdade de expressão. Ainda que a postura crítica tenha sido a predominante na publicação caricata, ela não deixou de percorrer os caminhos dos registros encomiásticos, como era típico das folhas de seu gênero na época, vindo a enaltecer o papel de determinadas personalidades que

atuavam no cenário citadino, estadual, nacional e internacional da época<sup>29</sup>.

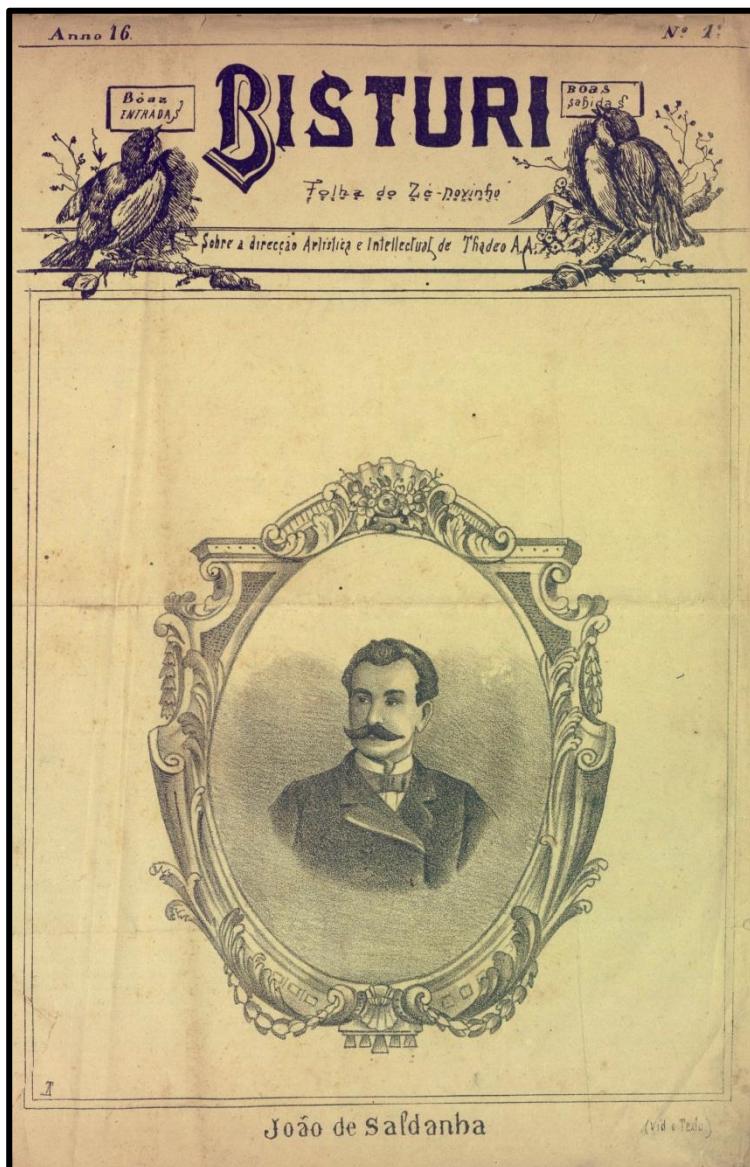
O administrador de empresa João Saldanha foi um dos personagens apresentados pelo *Bisturi* “à apreciação dos favorecedores”, com a inclusão do “retrato de uma individualidade altamente merecedora de todas as distinções, de todos os elogios”, de modo a prestar um “culto ao talento, ao trabalho, à tenacidade e à honra”. Ele era designado “como um dos mais belos ornamentos da nossa fecunda sociedade”, a qual o conhecia “como um espírito cuidadosamente cultivado, um homem de caráter elevadíssimo e um cavalheiro distintíssimo”, tendo em vista a “lhaneza, generosidade e bondade de coração e pela atividade admirável e muito tino comercial e industrial”, pelos quais “dirige tudo quanto está sob sua inteligente administração”<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> As manifestações encomiásticas do *Bisturi* entre 1888 e 1891 são abordadas no número 100 desta *Coleção*. A respeito do *Bisturi*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 185-194.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 219- 243.

<sup>30</sup> BISTURI. Rio Grande, 3 jan. 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

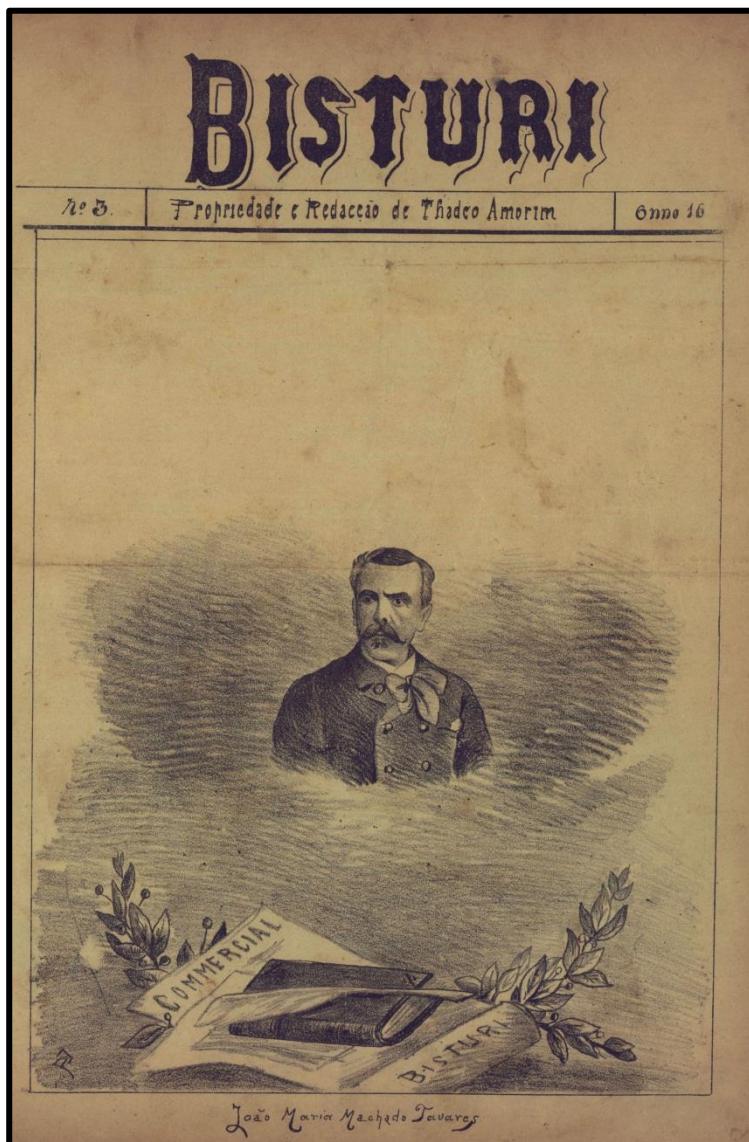


O fim da existência de um jornalista rio-grandino, João Maria Machado Tavares, que inclusive trabalhara no próprio *Bisturi* e também no diário *Comercial*, foi alvo de registro do semanário. O morto era descrito como “um homem de talento e dedicado à vida da imprensa”, constituindo “um escritor cheio de talento, verve e inspiração”, além de ser “a bondade personificada”, mostrando-se “sempre franco, generoso e bom”. Em conclusão, a folha dizia lamentar “o passamento do desventurado e inolvidável amigo, derramando uma lágrima sentida sobre o seu modesto ataúde”<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> BISTURI. Rio Grande, 17 jan. 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



Por outro lado, um também escritor público foi saudado pelo seu aniversário, com a constatação de que completara “mais um ano de gloriosa existência o nosso honrado colega Manoel José de Andrade, proprietário e redator do *Diário do Rio Grande*”. O *Bisturi* demarcava que via “no ilustre colega um lutador intemerato, uma das mais características individualidades da imprensa rio-grandense”, aproveitando “tão amena oportunidade para prestar sua homenagem de simpatia e apreço ao ilustre colega”, trazendo aos seus favorecedores o seu retrato na página de honra”. Diante de tais qualificações, concluía que, “se a galeria do *Bisturi* é exclusivamente destinada a prestar homenagens aos homens prestimosos” e àqueles “que com o seu lidar incessante contribuem para o engrandecimento do país em que vivem”, o nome em pauta “devia forçosamente engrandecer essa galeria, figurando nela em lugar distinto”<sup>32</sup>. Com destaque para um músico brasileiro, o semanário apresentava “o simpático retrato do jovem e proyecto pianista Carlos B. Nery, que acaba nesta cidade de exibir o seu grande talento musical”. O “emérito pianista” teria deixado uma “impressão deliciosa” com seu concerto, no qual “tocou admiravelmente, patenteando de um modo surpreendente a sua maestria musical, desempenhando com imensa perícia diversos trechos difílimos”. Assim o “distinto moço” e “gênio musical” recebera do periódico “uma modesta prova da nossa admiração e da justiça que sempre fazemos àqueles que a merecem”<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> BISTURI. Rio Grande, 24 jan. 1892.

<sup>33</sup> BISTURI. Rio Grande, 31 jan. 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



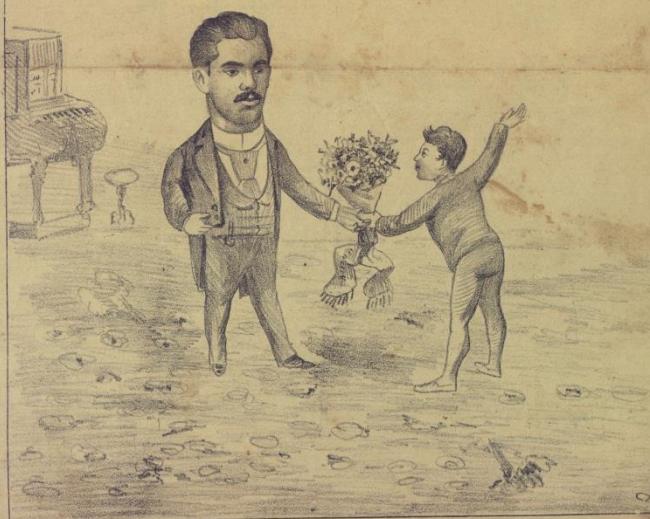
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

# BISTURI

Nº 5:

Propriedade de Thádio de Amorim

Anno 16:



Carlos B. Nery  
Insigne Poetista.

## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

As convicções partidárias demonstradas pelo *Bisturi* e seu proprietário/redator/caricaturista, ficaram evidenciadas pela inserção do retrato de Gaspar Silveira Martins. O político gaúcho era chamado pelo hebdomadário de “ilustre brasileiro”, vindo a afirmar que folgaria se pudesse “escrever a vida de tão conspícuo cidadão, mas, além de não comportar o espaço de que dispomos, julgamos trabalho supérfluo”, uma vez que “ela está escrita em todos os corações brasileiros”, sendo o personagem “bastante conhecido em todo o país como um dos batalhadores que mais se tem salientado nas páginas gloriosas da liberdade”. A folha referia-se ao “inquebrantável patriotismo” de Martins, que despertaria “no povo tais simpatias”, de maneira que, nos lugares “onde aparece aquele benemérito de todas as grandes causas”, transluzia “no semblante dos que o vêm um jubilo imenso”. Reafirmando sua admiração, o semanário definia a personalidade em pauta como “político de primeira têmpera, adepto fervoroso das ideias liberais”, as quais constituiriam “a ideia do direito e da liberdade”, sendo ele cercado “de imenso prestígio”, representando “um dos chefes mais respeitados no seu partido”. Silveira Martins aparecia como “uma glória brasileira, um obreiro infatigável do seu progresso, um verdadeiro paladino da causa popular, um patriota intemerato”, e ainda como “um brasileiro que só tem sabido engrandecer e ilustrar a sua pátria, tornando-se o orgulho e a honra de seus concidadãos”. Em referência à crise que tomava conta do país, mormente do Rio Grande do Sul, e a postura oposicionista que adotara, a publicação ilustrada dizia que, naquele momento em que “a pátria está agonizante e miseravelmente entregue

a meia dúzia de homens sem talento, sem patriotismo e sem honestidade”, os quais “só servem para deprimi-la e envergonhá-la, para cobri-la de misérias e opróbrios”, aparecia “o vulto do benemérito cidadão Gaspar Silveira Martins, como uma “estrela prometedora no céu escurecido” da “pátria, derramando em nossos espíritos atribulados os clarões de sua luz grandiosa”, a qual faria “fugir espavoridos os *vampiros* que esvoacam ao redor da pátria agonizante”, apontando aos brasileiros “o caminho que terão a prosseguir para resgatarem as suas glórias e a sua honra”. O “ilustre cidadão” era designado ainda como “modelo do mais acendrado patriotismo, dotado de um talento fora do vulgar, de uma ilustração, exemplo de firmeza e abnegação”, sendo “proyecto nos manejos dos mais altos interesses públicos”, havendo “de continuar a ser o másculo intérprete das aspirações deste povo que ele tanto tem engrandecido”. Ao fim, o *Bisturi*, exaltava o povo do Rio Grande por “receber em seus braços o ilustre defensor da sua integridade, aquele que tanta honra lhe tem feito no areópago nacional”, estando desse modo executando “o sagrado cumprimento de um dever de honra e gratidão”<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> BISTURI. Rio Grande, 7 fev. 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



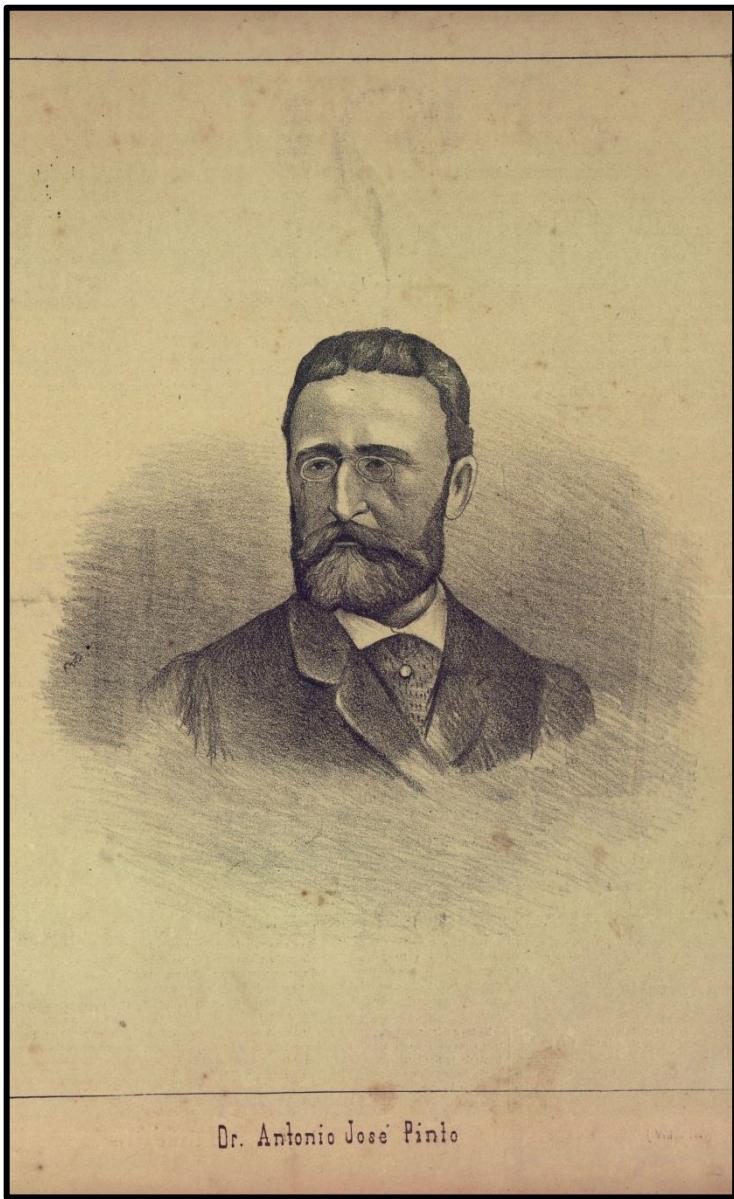
Gaspar Silveira Martins

Em mais uma incursão encomiástica, o *Bisturi* demarcava que naquela edição “resplandece aos olhos do público a simpática efígie do notável magistrado Dr. Antônio José Pinto, juiz de direito desta comarca”. A respeito do mesmo dizia que, “quando a geração futura escrever a história dos magistrados brasileiros” viria a colocar seu “nome em uma das suas melhores páginas, na mais elevada esfera”. Ressaltava que não era o seu “propósito fazer a sua biografia”, pois faltaria “espaço e competência intelectual para cabalmente desenvolvê-la”, limitando-se, portanto, a “dizer que ocupou sempre no foro do Rio Grande um lugar distinto, sendo acatado e respeitado”, além de ficarem “seus serviços gravados na consciência pública, que não prodigala elogios a nulidades inconscientes e presunçosas”. Teria ele exercido seu cargo “com notável inteligência, honestidade, retidão, critério e justiça, alcançando louros imperecíveis para a sua veneranda fronte”, bem como contava de “alto prestígio que goza neste torrão”, no qual “é estimado e querido pelo povo que o venera, que o aplaude”. Dessa maneira, “o seu retrato não é simplesmente uma homenagem merecida”, que lhe era tributada, e sim “um dever que nos cabe como representantes da imprensa independente e como brasileiros”. Ainda eram registrados qualificativos como “cabalheiro mais primoroso no trato”, “modelo da honra e honestidade”, “exemplo de firmeza e abnegação” e “projeto nos manejos dos mais altos interesses do direito e da justiça”<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> BISTURI. Rio Grande, 6 mar. 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



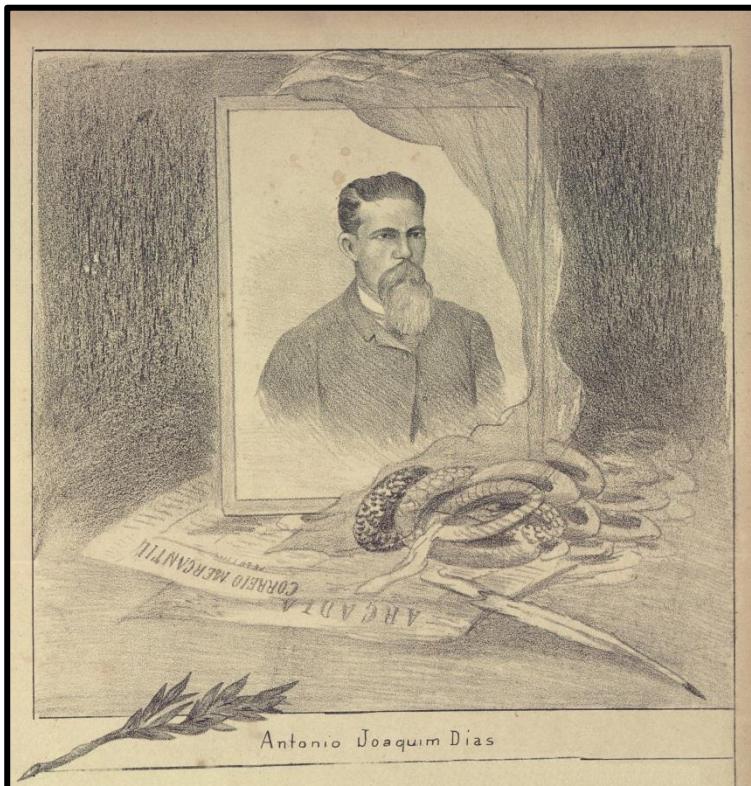
Dr. Antonio José Pinto

O falecimento de escritor público que atuara nas cidades do Rio Grande e de Pelotas foi outro alvo do enaltecimento do hebdomadário. A referência era a Antônio Joaquim Dias, com o informe de que acabara “de baixar à campa” tal “lutador insigne, que de simples tipógrafo elevou-se à altura de um jornalista distinto”, vindo a tombar “o valente batalhador de todas as causas justas”. Ainda a respeito dele, era salientado que se tratava de alguém “dotado de um gênio empreendedor, ativo e inteligente”, ocupando “sempre um lugar saliente entre aqueles que se dedicam à imprensa, que se entregam a esta luta grandiosa que há de um dia elevar a sociedade ao apogeu da glória”. Apesar de discordâncias com o morto, a redação não deixava de reconhecê-lo como “homem probo”, que lutara “com todos os obstáculos”, vindo a conseguir, “pelo seu grande amor ao trabalho, fundar na cidade de Pelotas o *Correio Mercantil*, que foi o seu verdadeiro padrão de glórias”. Buscava esclarecer que o personagem “errou, e muitas vezes”, vindo a questionar “qual é o jornal, por mais correto que tenha sido o seu proceder, que não tem algum pecado”. Após as considerações, era concluído que, “estampando no presente número do nosso periódico o seu retrato, temos cumprido com o nosso dever”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> BISTURI. Rio Grande, 13 mar. 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



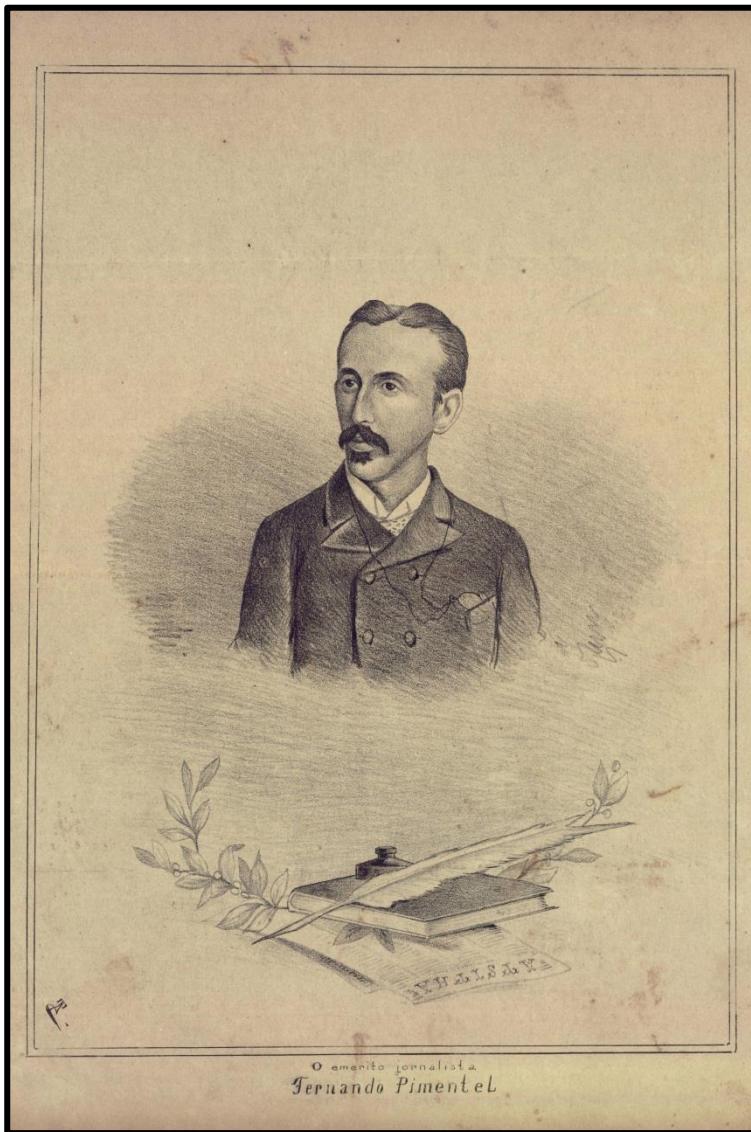
Uma nova homenagem recaiu sobre outro “emérito jornalista”, chamado Fernando Pimentel, que teria “percorrido o ciclo da carreira jornalística”, como “bem poucos, com tanta honradez e critério”. Nascido em Portugal, o personagem veio cedo para o Brasil, mais especificamente para a vizinha cidade de Pelotas, onde atuou em vários jornais e “firmou sua habilidade e talento jornalístico”, deslocando-se posteriormente para redigir junto ao jornalismo rio-grandino. Como redator, teria atuado com “tino e talento”, bem como, “na árdua

carreira do magistério”, dando “as mais exuberantes provas do seu fino cultivo intelectual” e, “como literato”, publicara “trabalhos que são uns verdadeiros primores”. Reconhecido pela folha como “um dos mais distintos vultos do jornalismo rio-grandense”, era apresentado “o retrato do simpático e inteligente cidadão”, de modo a cumprir “um dever de justiça e lealdade”, prestando “homenagem ao distinto escritor, ao atleta mais retemperado nas lides evolucionárias do pensamento”. Pimentel era definido como “a personificação do talento”, sendo suas “colunas o apanágio de suas tradições literárias”. Além disso, era apontado como “dotado de uma inteligência robusta, possuidor de um cúmulo de conhecimentos variados, com vasto tirocínio na carreira jornalística”, além de “propugnador acérrimo das liberdades populares”. Garantia que para o periodista não haveria “questão por mais ingrata que seja, que não elucide com notável energia e erudição da sua vasta mentalidade”, e, na qualidade de “orador, possui uma palavra fluente, admirável e correta” e, “como cidadão, distingue-se pelo seu trato lhano e bondade de coração”. No encerramento da matéria era dito que “o seu retrato no *Bisturi* é um grito de alarme atirado ao mundo civilizado em prol de um talento privilegiado, tão cheio de brilhantismo e esplendores”<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> BISTURI. Rio Grande, 20 mar. 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



O meritíssimo jornalista  
*Fernando Pimentel*

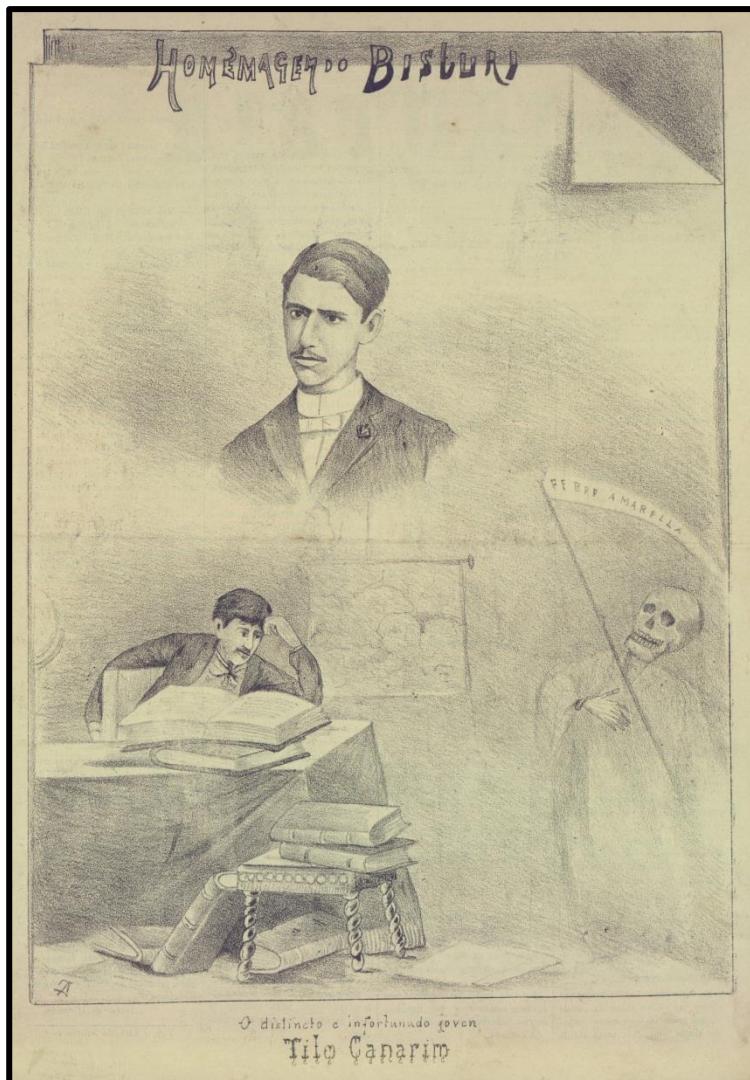
Estudante e com atuação como poeta e jornalista no Rio Grande, “o distinto e infortunado jovem Tito Canarim”, foi homenageado com ilustração na qual aparecia não só a sua efígie, mas também sua representação junto aos livros, enquanto a alegoria do ceifador de vidas se aproximava, trazendo consigo os efeitos da peste. A folha lastimava o desaparecimento do escritor ainda em plena juventude, bem quando estaria a se anunciar para ele “um futuro brilhante”, já que morrera “quando começava a nascer, quando o sangue da mocidade palpitava-lhe febricitante e a imaginação a distender as asas em dourados devaneios”. Canarim era definido como “um moço muito acima das inteligências vulgares”, ocupando “um lugar saliente entre a mocidade estudiosa”, tendo colaborado em várias publicações locais, inclusive no *Bisturi*, no qual apresentou “seus primeiros ensaios literários, revelando muito talento, inspiração, engenho e critério”<sup>38</sup>. Outra nota e registro iconográfico fúnebre foram realizados em relação a Faustino da Silva de Ávila, definido como “moço trabalhador e honesto, pai, esposo e filho amantíssimo, amigo como raríssimos se encontram nesse século de falsidades e mentiras”<sup>39</sup>.

---

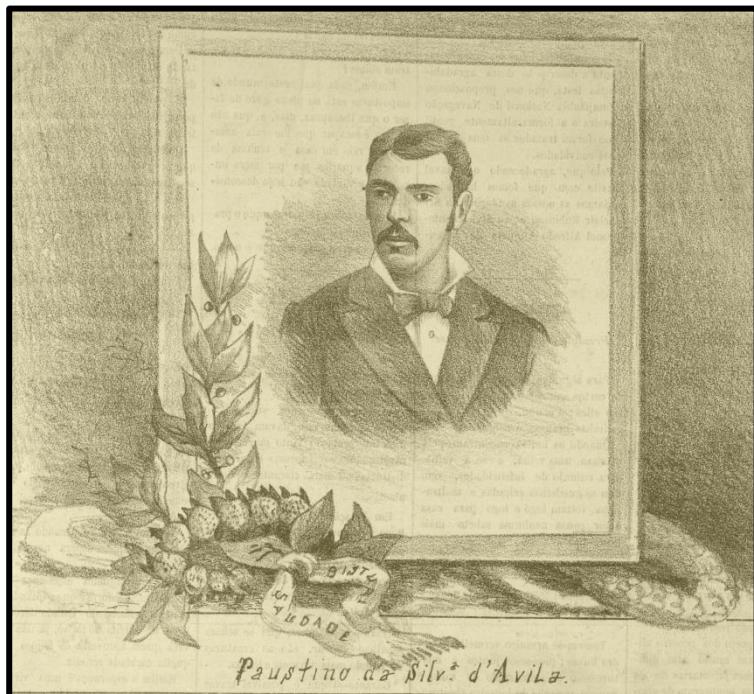
<sup>38</sup> BISTURI. Rio Grande, 24 abr. 1892.

<sup>39</sup> BISTURI. Rio Grande, 8 maio 1892.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



## FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Houve também um preito a um educador citadino, com a notícia de que “deixou de existir Bibiano de Almeida, notável preceptor da mocidade, sendo bastante lamentada a sua perda”. A personalidade era reconhecida como “um homem de grande talento e ilustração, que consagrou os seus melhores dias de existência na educação da mocidade, que perdeu nele um mestre notável”, além de ter deixado “diversos trabalhos que lhe deram renome”. A folha registrava que, dali em diante, “para sempre o ilustre mestre dorme à sombra dos ciprestes”, de modo que aqueles que o

## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

apreciavam estariam a lançar “um punhado de flores em sinal de reconhecimento eterno e saudade profunda pelos imorredouros serviços prestados à mocidade brasileira”<sup>40</sup>. Mais adiante o periódico apresentava “em uma das páginas ilustradas o retrato do distinto e popular leiloeiro da praça de Porto Alegre, Ernesto Paiva”, chamando atenção para a violência que tomava conta do Rio Grande do Sul, pois, “segundo consta”, o indivíduo “fora barbaramente assassinado por policiais assalariados, que o atacaram em plena rua, prostrando-o inerte a golpes de facão”. Paiva era apontado como “um dos mais respeitabilíssimos membros da sociedade porto-alegrense, um tipo sublime da abnegação, da lealdade política e do patriotismo”, tendo sido “sempre digno dos encômios da imprensa daquela localidade pelas ideias adiantadas que a mente lhe sugeria” e “por seus contínuos rasgos de generosidade em prol dos desvalidos”, os quais nele “encontravam um coração franco e amigo com o que fez sempre jus a admiração e o respeito”. Ao final, desejava, “paz ao corpo da infeliz vítima da pujança de sua força, da energia do seu patriotismo e do ardor de suas crenças”<sup>41</sup>. Mantendo a aura de promotora da emancipação dos escravos, por meio da Lei Áurea, assinada por Isabel quando à frente do governo imperial, tal personalidade recebeu a “homenagem do *Bisturi* ao faustoso aniversário natalício da nobilíssima princesa”<sup>42</sup>.

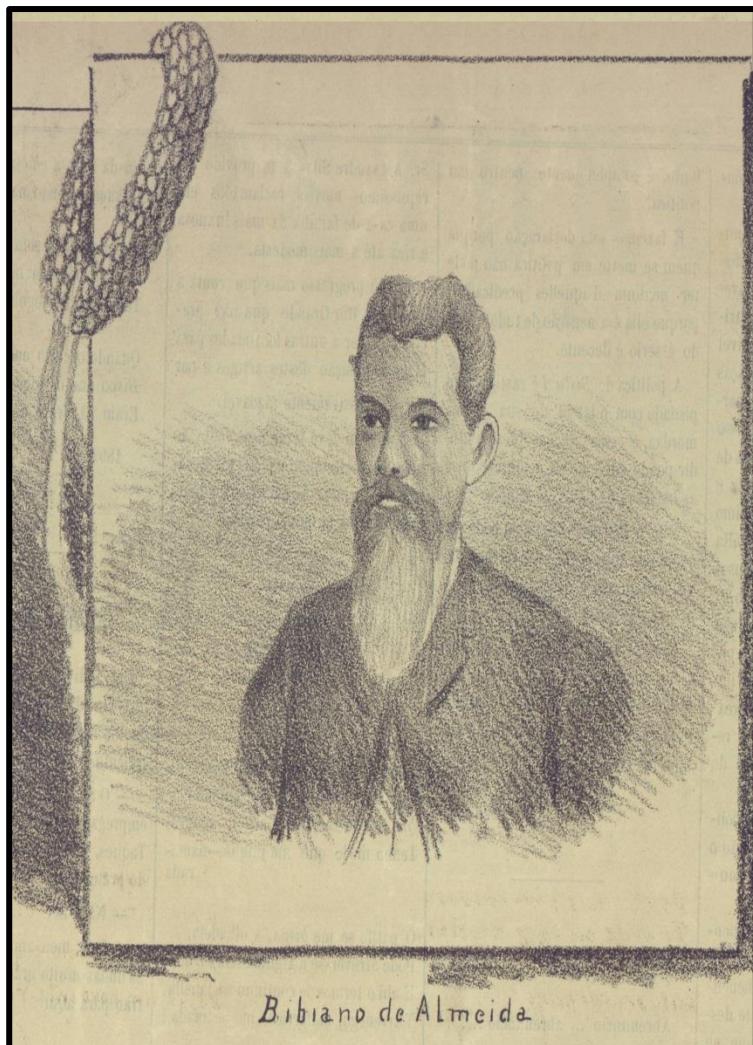
---

<sup>40</sup> BISTURI. Rio Grande, 15 maio 1892.

<sup>41</sup> BISTURI. Rio Grande, 3 jul. 1892.

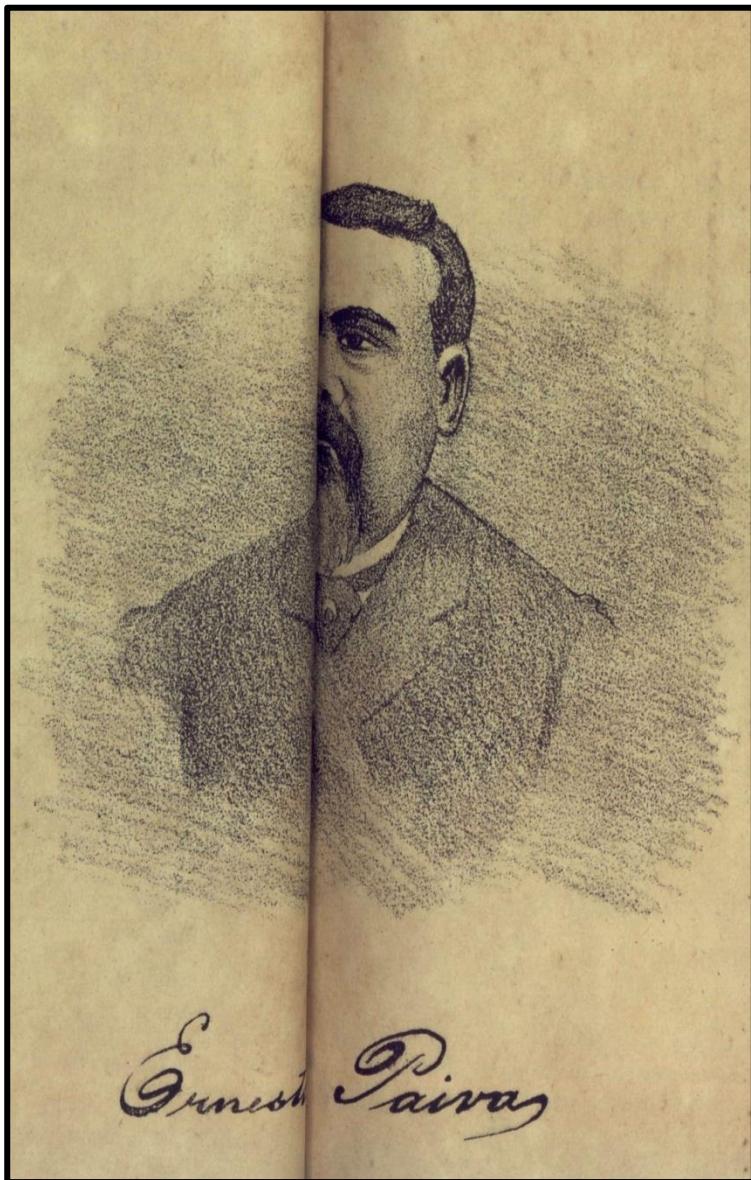
<sup>42</sup> BISTURI. Rio Grande, 31 jul. 1892.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

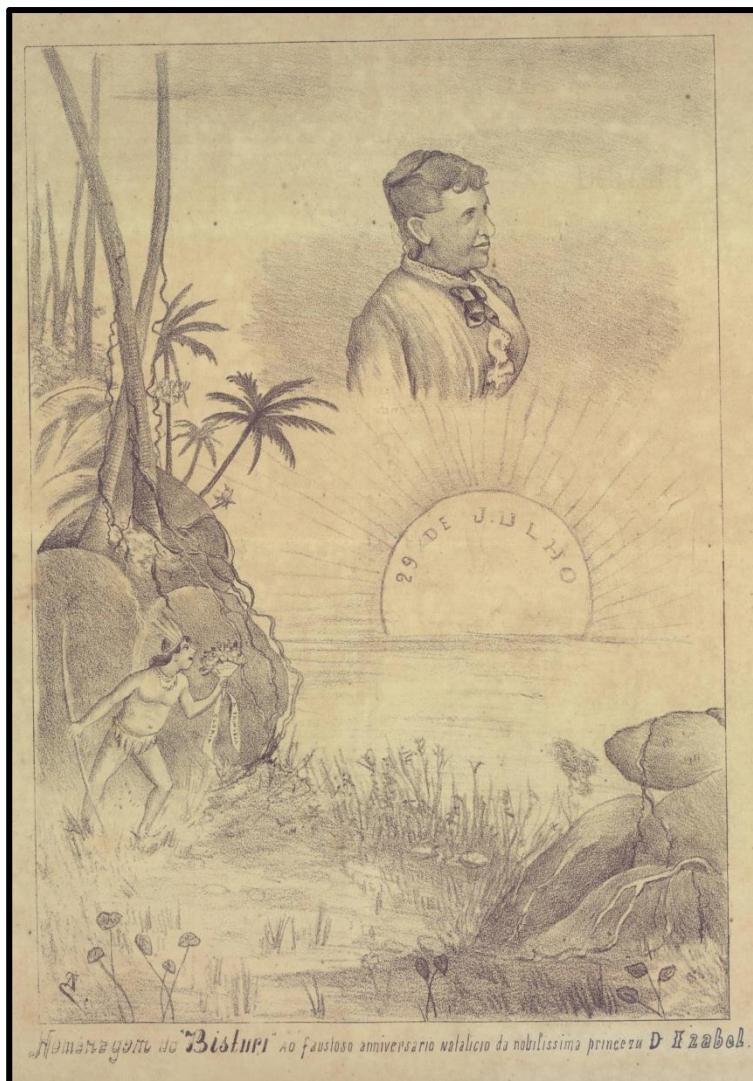


Bibiano de Almeida

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Homenagem do *Bisturi* ao faustoso anniversario natalicio da nobilissima princeza D. Izabel.

## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

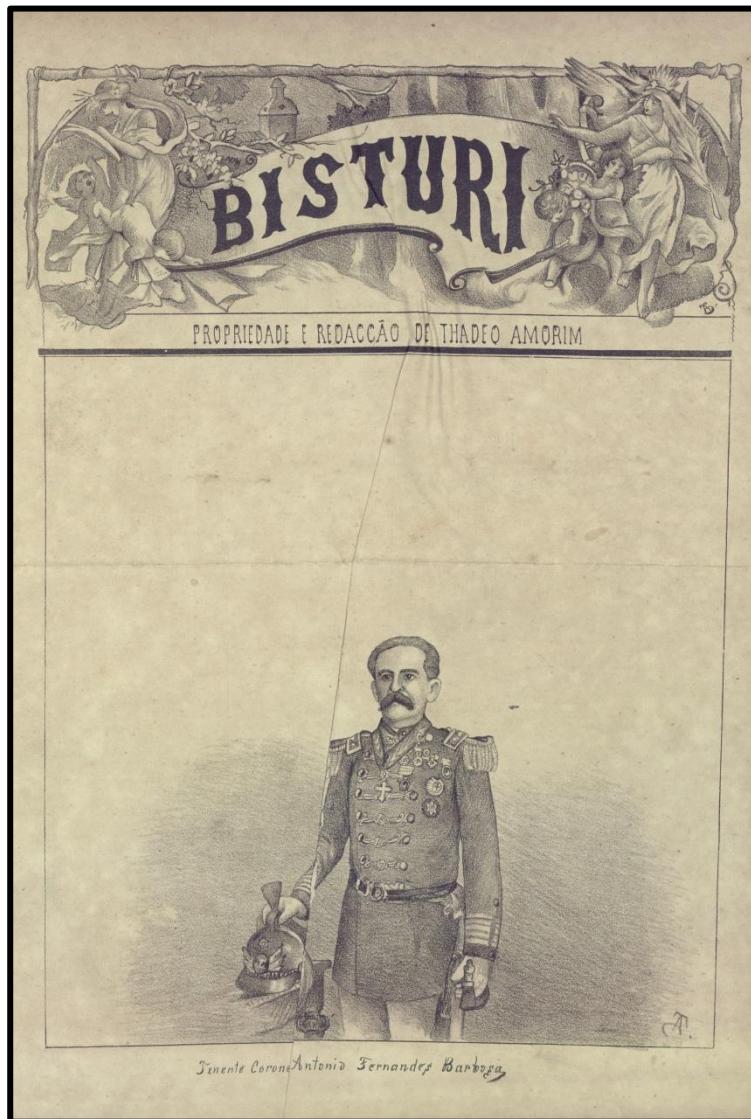
As páginas do *Bisturi* tiveram também em um militar o seu mote, com o retrato do tenente-coronel Antônio Fernandes Barbosa. A folha informava que “a redação não vacilou um instante em assinar o telegrama que a imprensa desta cidade dirigiu” ao comando militar no sentido de “que fosse suspensa a ordem de transferência que recebeu o bravo” personagem em destaque, uma vez que “a imprensa protestou e com ela protestou o povo”. O periódico não aceitava que tivesse de “assistir a retirada do valente soldado a quem esta terra ficará devendo serviços imorredouros”, notadamente por saber se “colocar acima de todas as questões partidárias”, patenteando “as suas qualidades de soldado de brio” e “garantindo o sossego de todos e a disciplina dos valentes batalhões ao seu comando”. Nessa linha, tal deslocamento não era considerado aceitável, pois teria sido realizado a partir de autoridades públicas que não teriam conseguido “fazer do ilustre militar o instrumento dos seus torpes caprichos”. Também era considerado que “a glória do tenente-coronel não será abatida por meio de uma simples ordem de transferência”, de maneira que, supostamente “interpretando a opinião de todo o povo rio-grandense”, o semanário dizia ter “a honra de ilustrar o nosso jornal com o retrato do bravo e inolvidável Antônio Fernandes Barbosa”<sup>43</sup>. O jornalista, intelectual e político lusitano João Pinheiro Chagas, que fora condenado ao exílio na África Portuguesa, foi outro dos destaque retratados pelo hebdomadário rio-grandino<sup>44</sup>.

---

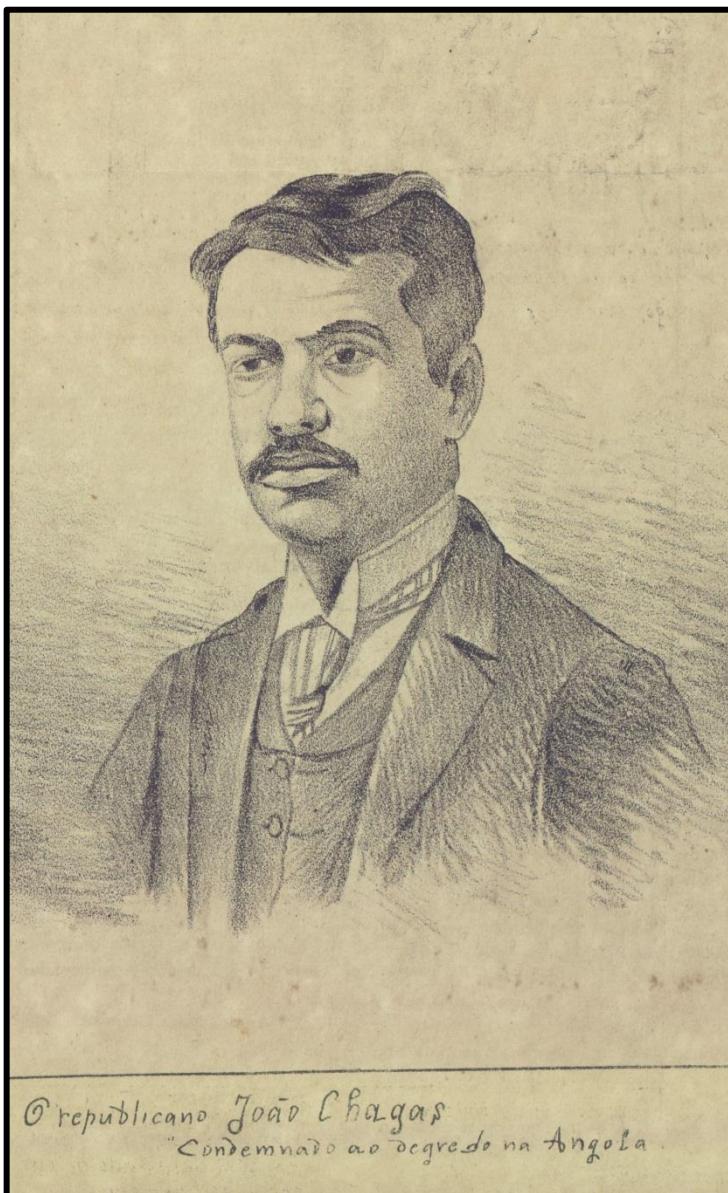
<sup>43</sup> BISTURI. Rio Grande, 25 set. 1892.

<sup>44</sup> BISTURI. Rio Grande, 2 out. 1892.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



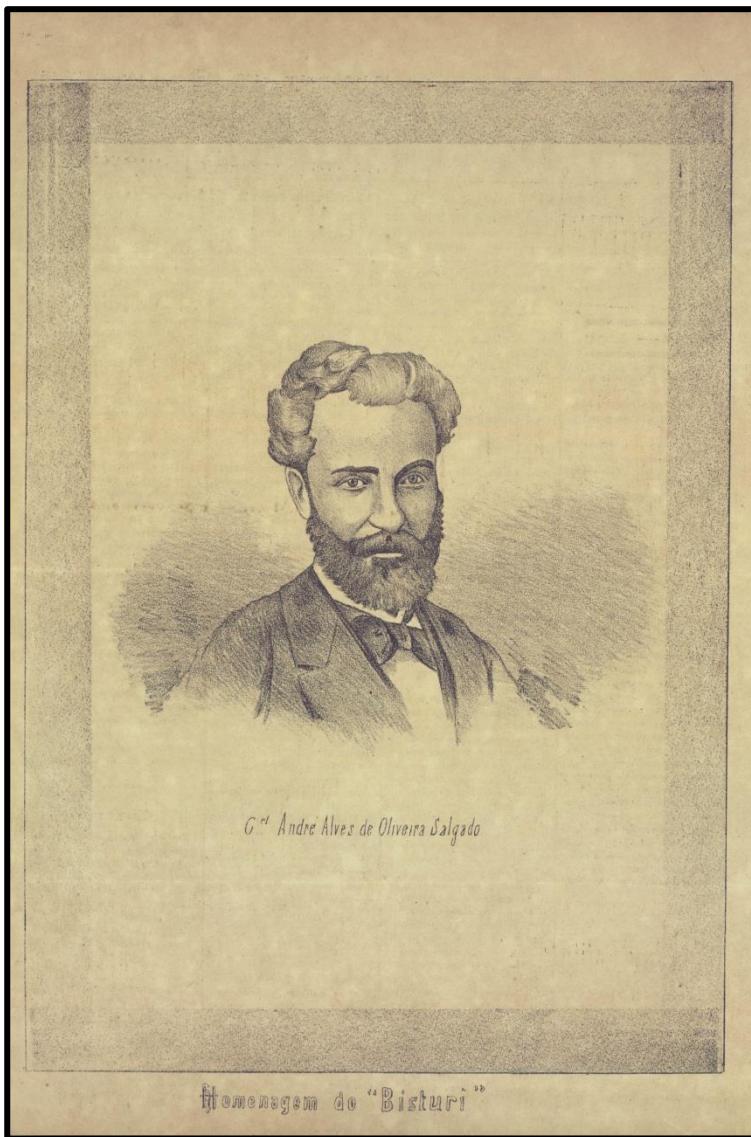
Mais uma “Homenagem do *Bisturi*” recaiu sobre o coronel André Alves de Oliveira Salgado, com a informação de que estava sendo publicado o retrato de “um dos mais queridos e respeitáveis membros da sociedade rio-grandense”, considerado também como “um cavalheiro a toda a prova, um coração altamente bondoso, uma alma de elite” e “um amigo dedicado das pessoas que distingua”. O militar era apontado ainda como “dotado de uma afabilidade inexcedível”, sabendo, “como poucos, conquistar sinceras amizades”, além de ser um “chefe de família de uma bondade inimitável, pai amantíssimo, merecendo-lhe os seus mais acrisolados afetos e inexcedíveis carinhos”. A folha narrava que “o infortunado cidadão” perdera “a sua amantíssima esposa” e, “desde então, andava triste e apreensivo”, em uma situação que o levou ao suicídio, concluindo o semanário com a sentença: “Descansa mártir – do amor e da bondade”<sup>45</sup>. Outra homenagem fúnebre recaiu sobre Francisco Leonardo Falcão Júnior, com a constatação de que “a sociedade rio-grandense fora dolorosamente surpreendida com a morte deste simpático e jovem magistrado”. A redação declarava que passara por “golpe imensamente profundo”, tendo em vista as “qualidades morais do distinto moço, que se súbito desapareceu do nosso grêmio social onde gozava de justo apreço e muitas simpatias”. A vida do homenageado era caracterizada como “aureolada dos esplendores que dá o talento e a ilustração”, possuindo “sentimentos nobres e generosos”, além do que, estaria previsto para ele “um futuro cheio de glórias”<sup>46</sup>.

---

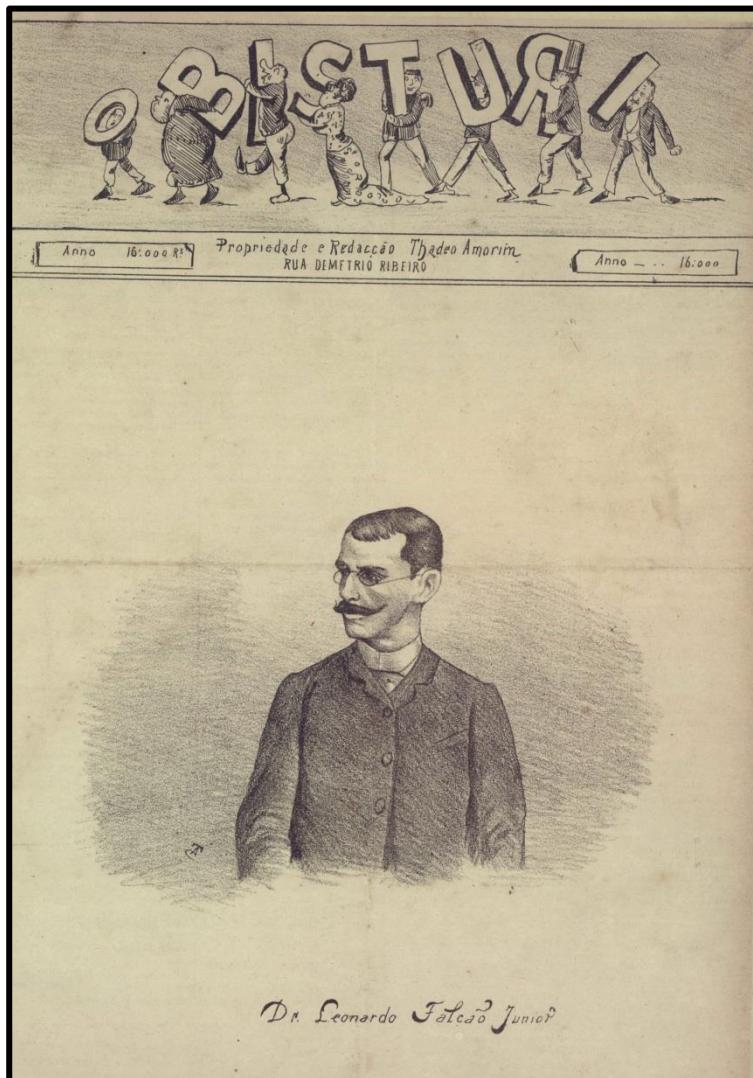
<sup>45</sup> BISTURI. Rio Grande, 20 nov. 1892.

<sup>46</sup> BISTURI. Rio Grande, 22 jan. 1893.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

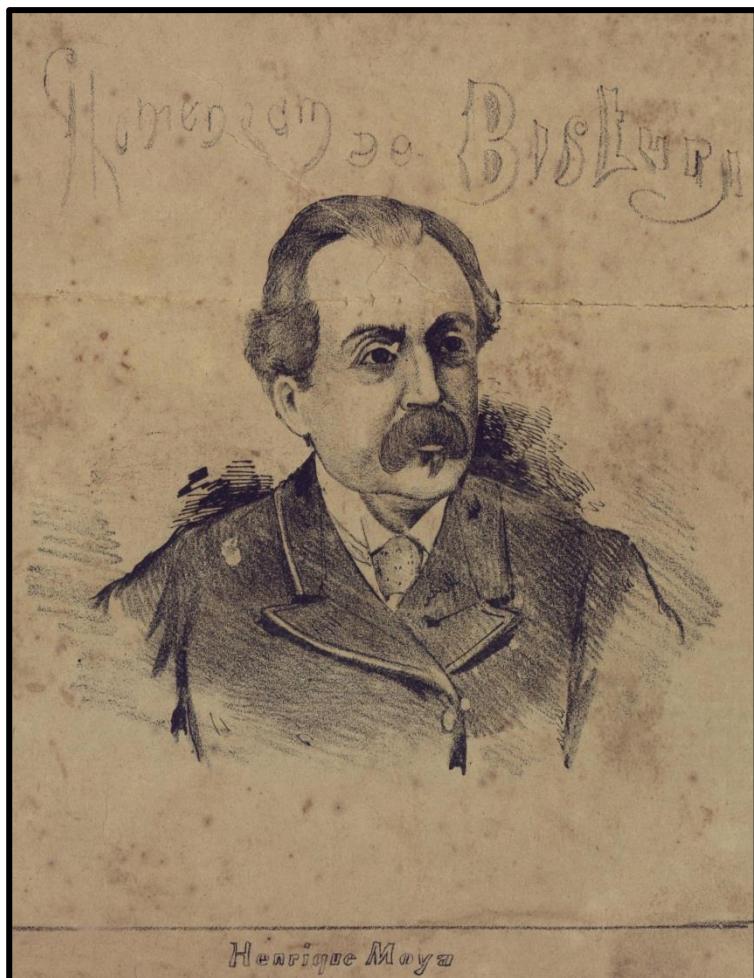
Dentre os alvos das manifestações panegíricas do *Bisturi* esteve também um mágico, tratando-se de Henrique Moya, descrito como “célebre prestidigitador, admirado em toda a América”. Tal artista serviu para que a folha sustentasse suas manifestações caricaturais, no sentido de denunciar a repressão à liberdade de expressão, dizendo que só ele conseguiria fazer o “trabalho difícil e assombroso” de “arrancar a rolha da imprensa” e ainda retirar um jornalista oposicionista do “ventre do governador” sul-rio-grandense<sup>47</sup>. A publicação noticiava a estreia deste “simpático e notável artista” nos palcos rio-grandinos, bem como trazia “alguns dados biográficos” sobre o personagem, “para que o público melhor ajuíze do mérito do exímio artista, que tem percorrido Europa, Ásia e América por entre muitos vítóres”. Moya era descrito como um espanhol que se dedicara à prestidigitação desde jovem, vindo a afirmar-se como mágico de prestígio e reconhecimento internacional, tanto que recebera de governantes “joias preciosas, todas regalos”, além de possuir “diplomas e títulos honoríficos de grande importância” e “várias medalhas de sociedades europeias e da América”<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> BISTURI. Rio Grande, 12 mar. 1893.

<sup>48</sup> BISTURI. Rio Grande, 19 mar. 1893.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Também esteve dentre as figuras retratadas pelo periódico caricato "o ilustrado e simpático vigário Otaviano Pereira de Albuquerque", informando a redação que, "com o maior contentamento apresentamos hoje na página de honra o simpático retrato do padre".

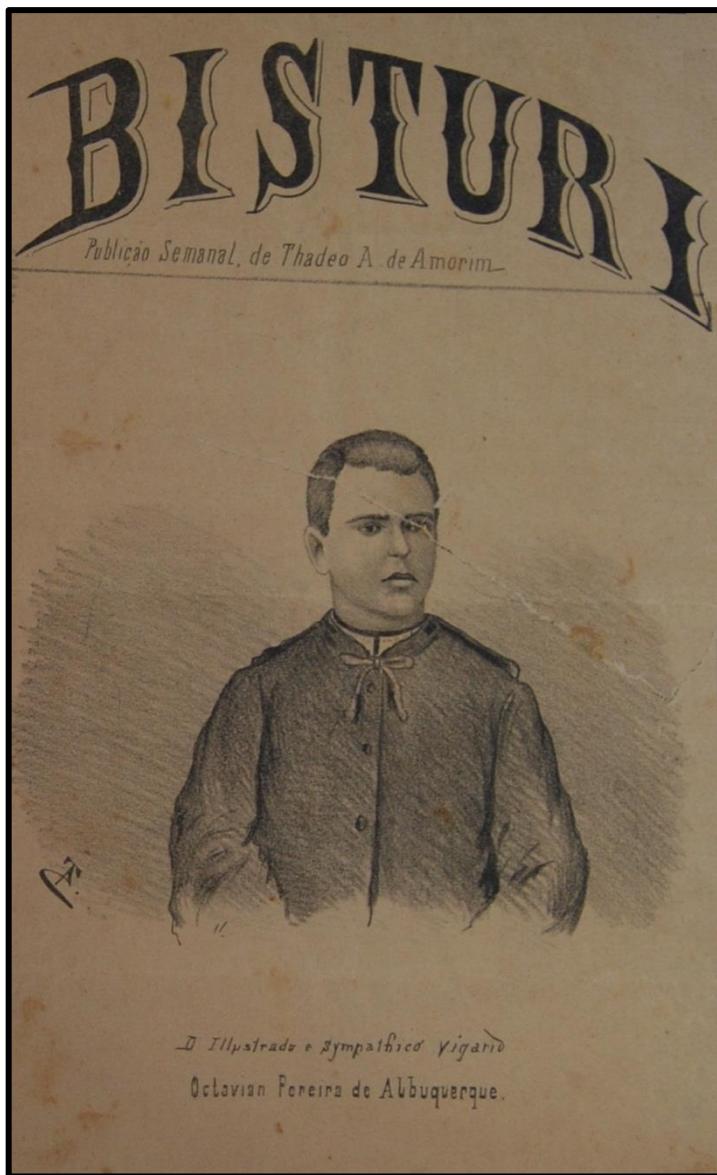
## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Diante disso, era considerado que “deve a sociedade rio-grandense rejubilar-se com a vinda deste ilustre jovem sacerdote”, no qual “basta contemplar-se a fisionomia aberta, franca e expressiva para compreender-se que é um espírito cuidadosamente cultivado, um sacerdote de caráter elevadíssimo” e ainda “um cavalheiro distinto por suas maneiras niniamente delicadas”. Era destacada a juventude do clérigo, constatando que ele seria “dotado das mais iminentes qualidades que constituem os grandes caráteres, cheio de vida, de inteligência e de amor à humanidade”. Era dito que a cidade estaria a necessitar “de um padre cheio de docilidade, prestígio, caridade e religião”, sendo também “amante do bem, sabendo sem hipocrisia observar fielmente as leis divinas do sublime filho de Maria”. Manifestando seu tradicional espírito anticlerical, a folha sustentava que “ser padre não é fazer do altar um balcão de traficâncias, não é fazer *rifas* nas sacristias, não é negar sepultura aos pobres, não é chamar de *crocodilo* ao povo”. Por outro lado, expressava que “ser padre é ser imitador sublime do mártir do Gólgota, o incansável lutador em prol dos infelizes”, o qual “veio pregar a guerra da luz contra as trevas, e do direito contra a força”. Demarcava ainda que, “ser padre não é roubar à miséria, não é negar entrada em casa de Deus” para todos os que, “cansados do mundo, desridos das ilusões, com a esperança varada pela flecha do destino”, procuravam um lugar “para repousar, para orar, para pedir perdão de culpas”. Em conclusão, especificava que “ser padre é ser como o ilustre moço”, ou seja, “abnegado e puro pelo coração e pela consciência”<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> BISTURI. Rio Grande, 26 mar. 1893.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

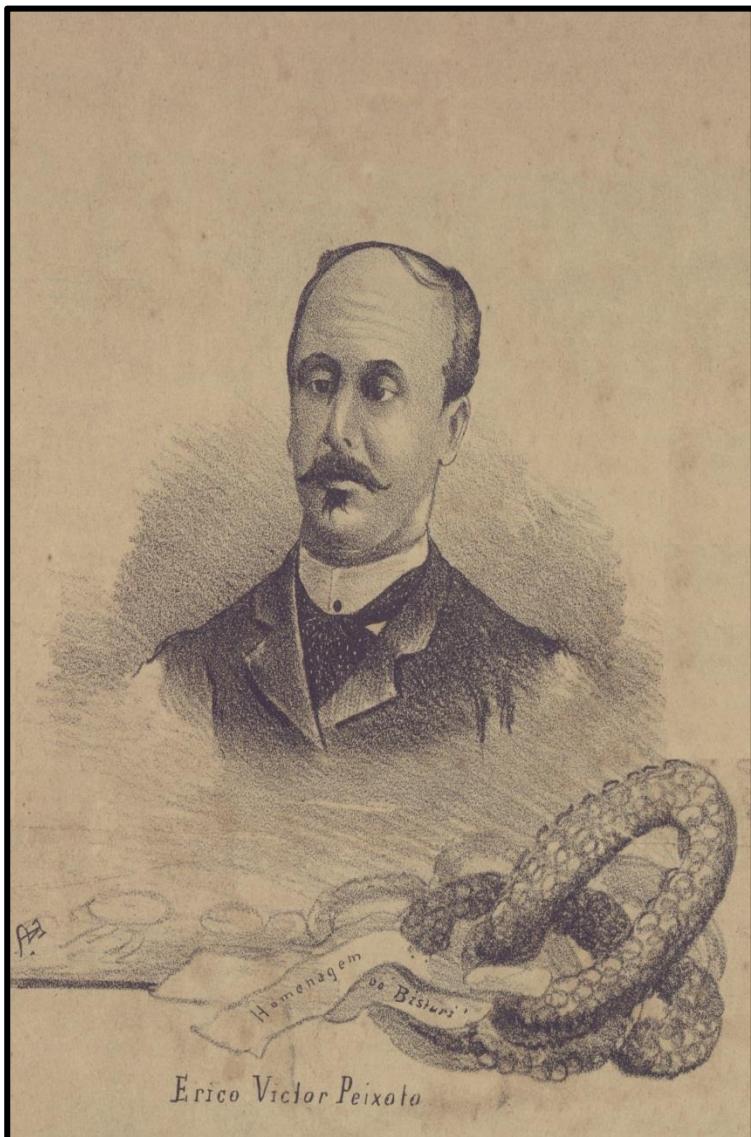
A morte de um funcionário público foi lamentada pelo periódico, cabendo “ao inditoso amigo Érico Vítor Peixoto honrar com o seu retrato a principal página do nosso semanário”. Informava que “jornais vindos de Uruguaiana nos deram a triste e inesperada notícia do falecimento ali daquele nosso bom e leal amigo”, que “possuía um bom coração” e “um gênio alegre e expansivo”. Houve o destaque de que Peixoto “sempre trabalhou para que o removessem para a Alfândega” do Rio Grande, sem sucesso em seu intento, vindo ele a falecer na fronteira, deixando “as saudades e as mágoas” em meio a seus conterrâneos<sup>50</sup>. Uma personagem feminina da qual sequer se sabia o nome, ficando apenas conhecida pela alcunha de “Ruiva”, foi também homenageada pelo hebdomadário, o qual assim também demonstrava sua admiração pelos rebeldes gaúchos que lutavam contra o castilhismo. Ela era descrita como “a vivandeira federalista, miseravelmente assassinada no acampamento pelas forças do governo”, e como alguém que “vendia café torrado, açúcar, ervas e outros gêneros que constituem um pequeno comércio nos acampamentos”. Era igualmente explicado que, “em marcha caminhava sempre franqueando o exército ou na retaguarda”, possuindo “uma pequena carroça em que se transportava a si e a um filhinho de ano e meio, que nunca abandonava, e as mercadorias que constituíam o seu comércio”. A “Ruiva” foi elencada pelo periódico como mais uma das vítimas da violência castilhista, vindo a ser, após a sua morte, o seu filho adotado por um chefe federalista<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> BISTURI. Rio Grande, 23 abr. 1893.

<sup>51</sup> BISTURI. Rio Grande, 2 jul. 1893.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



Ainda sobre outro personagem que seguia as tropas revolucionárias gaúchas, que combatiam o governo castilhista, o semanário chamava atenção para o frei Davi Beck de Santa Cruz, que “acompanha o exército federalista vestido à gaúcha”. A respeito do clérigo, a folha lembrava que “todos os exércitos revolucionários”, ou ainda, “mais verdadeiramente todo o exército que se

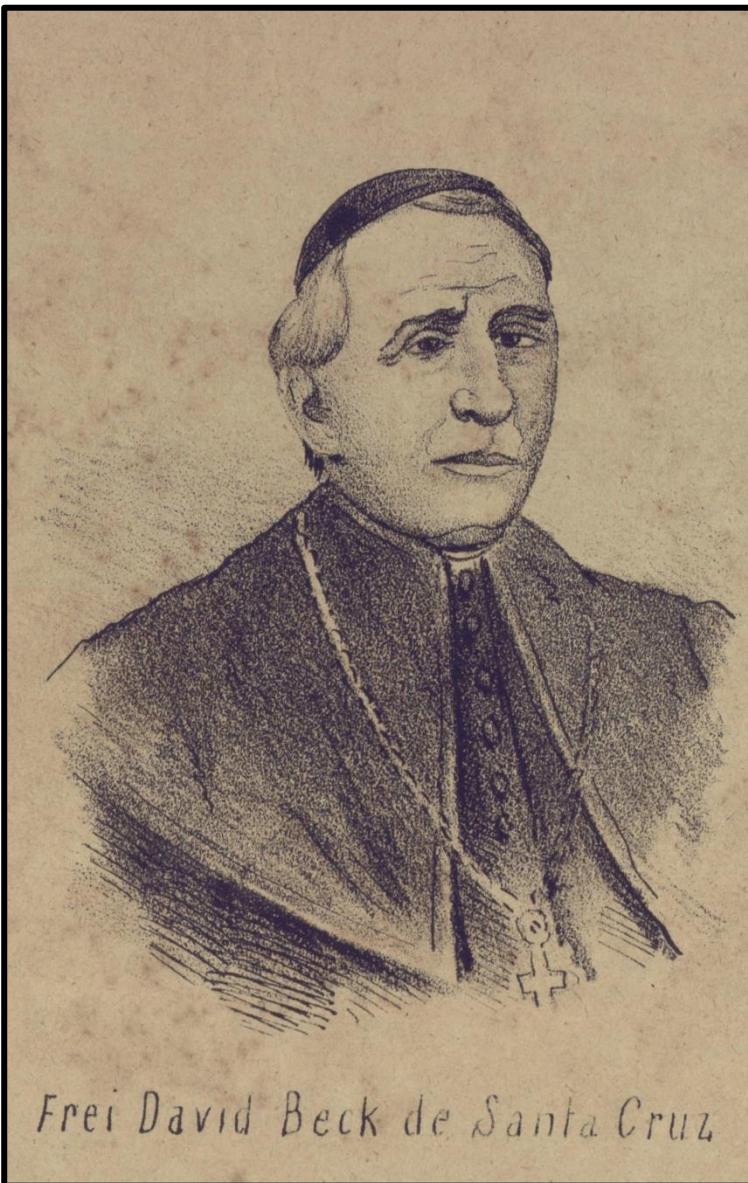
bate por uma causa liberal”, possuem “alguns sacerdotes que prestam os derradeiros sacramentos da igreja aos combatentes moribundos, animam os tibios, exortam os fracos, falando sempre em Deus e na pátria”, identificando no homenageado, a mesma ação em meio aos rebeldes gaúchos<sup>52</sup>. Outra “homenagem do *Bisturi*” destinou-se a Rui Barbosa, identificado como “o talento prodigioso que, impetrando e conseguindo *habeas corpus*, abriu as prisões do Rio de Janeiro ao bravo almirante Wandenkolk”, bem como “aos seus companheiros embarcados no vapor Júpiter”, em referência a outro movimento rebelde que contestou o *status quo* governamental brasileiro. Membro do primeiro ministério sob a égide republicana no Brasil e senador, Rui Barbosa era apresentado como “a verdadeira glória nacional”, que subira “ao pedestal de uma justa e geral admiração”, ao “operar a favor de uma causa enobrecida” e reivindicadora das “liberdades perdidas”. A folha dizia ainda que “Rui Barbosa representa sempre a coragem jornalística”, a qual era “voltada para as pugnas que se ferem em nome da liberdade, cuja conquista ou reconquista faz sempre a sua pena laureada”. Já como jurista, ele teria obtido “a chave de ouro”, com a qual “abriu a porta do cárcere aos prisioneiros” rebeldes, qualificados como “heróis que, pela imensidão de seus feitos”, tornaram-se imbatíveis diante dos “invejosos, vulgares, pequeninos e incompetentes”, como eram avaliadas as forças governistas<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> BISTURI. Rio Grande, 2 jul. 1893.

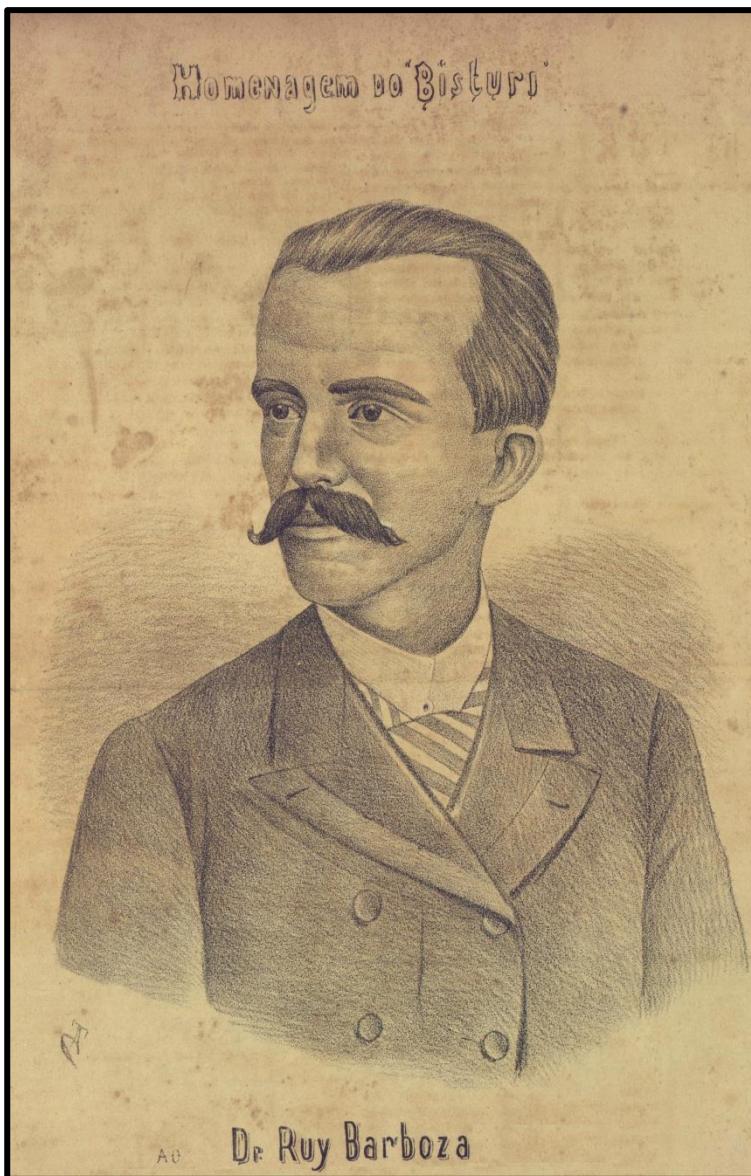
<sup>53</sup> BISTURI. Rio Grande, 27 ago. 1893.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



*Frei David Beck de Santa Cruz*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Ainda que mantendo sua tradição liberal e, portanto, discordando das dissidências republicanas, por ocasião da aproximação das oposições durante a Revolução Federalista, o *Bisturi* aplaudiu o papel de três políticos dissidentes, Barros Cassal, Demétrio Ribeiro e Antônio de Faria. Nessa linha, a folha afirmava que rendia “um preito justo à trindade gloriosa de bons republicanos, que na imprensa, no parlamento e em campo de combate abertamente declarado contra a tirania”, fazia “a pugna vitoriosa contra o governo que nos opõe e apequena” a uma “posição de vis escravos de uma administração política” composta “de violências, levadas ao requinte perverso dos maus corações”. Dizia que era “conhecido pela oposição do país inteiro”, que se mostrava “contrária ao governo central o grande valor intelectual das três individualidades, cujos retratos ocupam a nossa página de honra”. Qualificava-os como “grandes pelo talento, pela coragem, pelo patriotismo” e, como “republicanos dissidentes, são os rebentos esperançosos da vida política rio-grandense”, propondo-se a defendê-los da imprensa governista, que molhava “a pena indigna no fel dos insultos”, os quais “não alcançam tão grandiosos alvos”. Em clara manifestação de oposição aos castilhistas, o periódico reconhecia que tal homenagem iria “magoar profundamente o desnorteado castilhismo”, mas considerava que isso não importava, pois seria “preciso matar esse monstro de crimes e desumanidades” e fazer “a apologia digna e justa dos verdadeiros amigos da pátria, da sua integridade e de seu bem estar político”<sup>54</sup>.

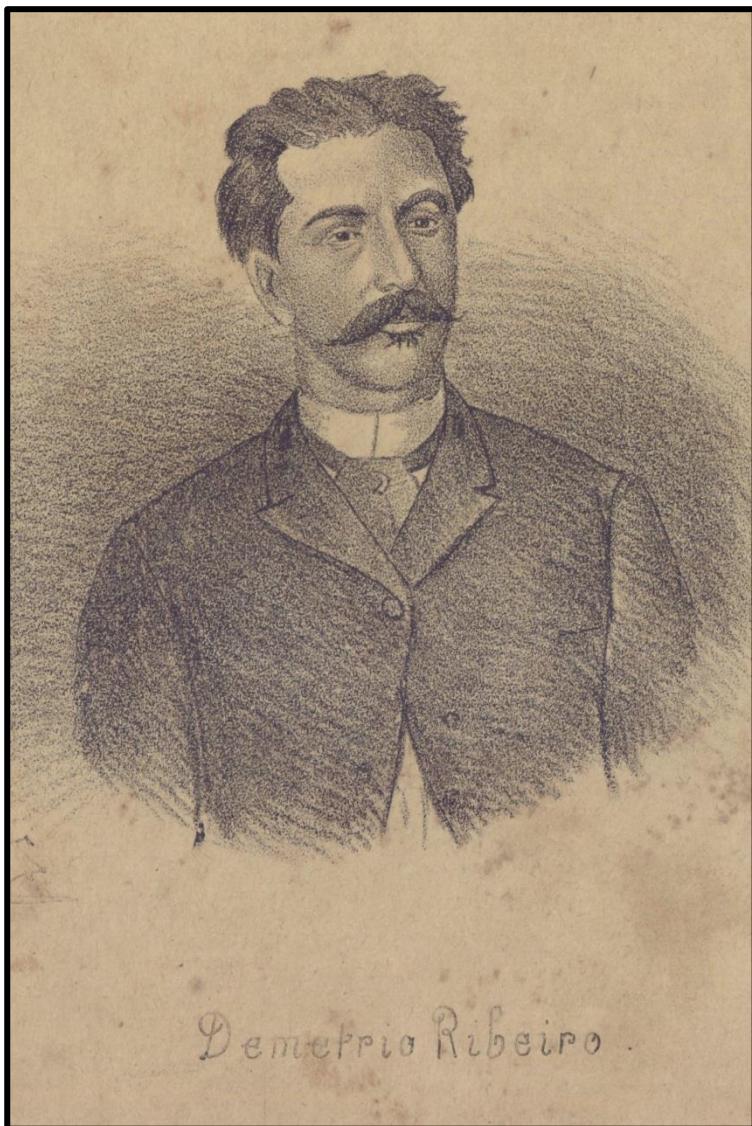
---

<sup>54</sup> BISTURI. Rio Grande, 3 set. 1893.

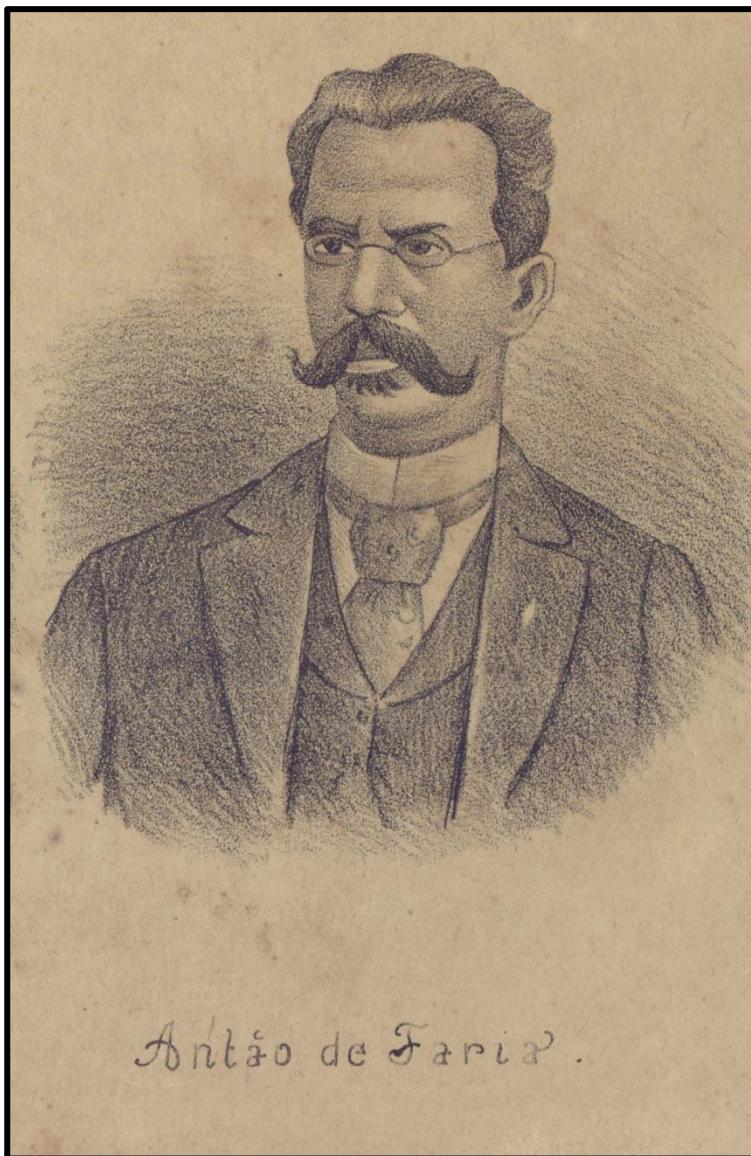
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

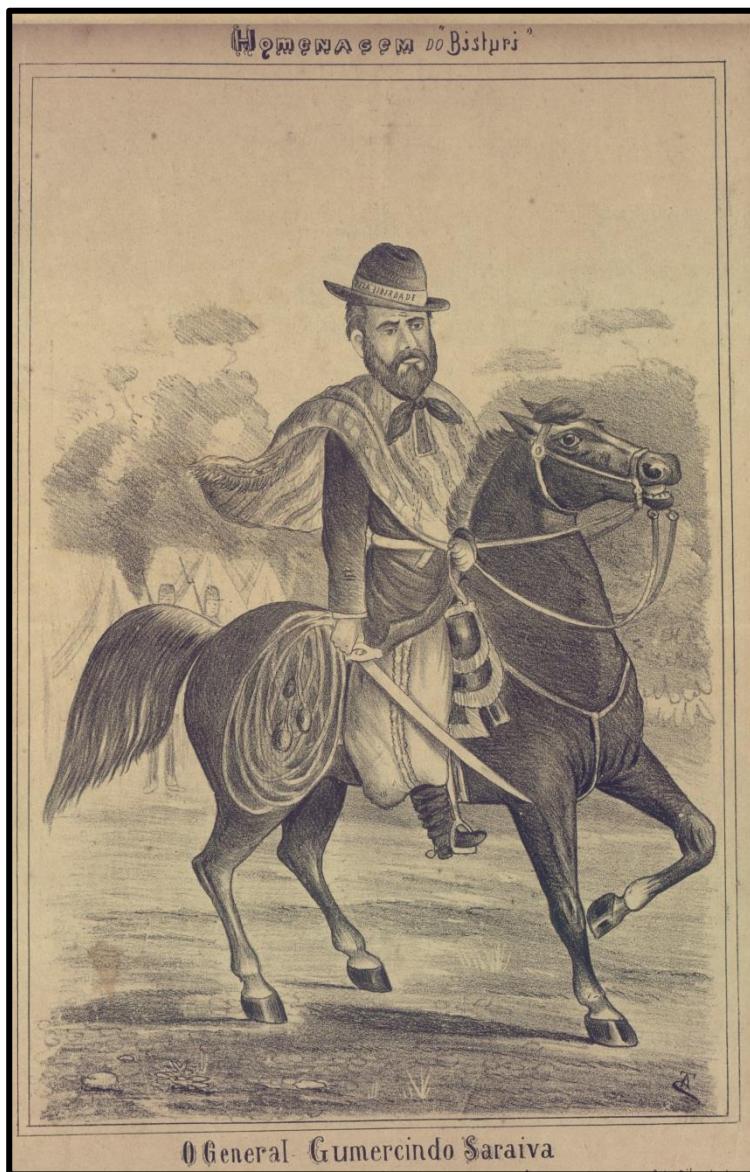
A oposição sul-rio-grandense foi mais uma vez valorizada pelo semanário ilustrado, ao estampar a foto do chefe federalista Gumercindo Saraiva, uma das mais importantes lideranças militares na luta contra o castilhismo. O personagem aparecia na gravura como um autêntico guerreiro vestido à gaúcha, sendo enaltecido e colocado à altura do italiano que lutara em outra guerra civil sul-rio-grandense, a Revolução Farroupilha, da qual os novos rebeldes diziam ter herdado a flama libertária. Assim, a folha se referia a ele como “o Garibaldi rio-grandense, o herói mais popular deste século, pelas lutas incessantes que empreende e sustenta em prol da liberdade”. Nesse sentido, a publicação afirmava que “esta redação presta hoje homenagem ao mérito guerreiro e patriótico do bravo rio-grandense Gumercindo Saraiva”. Ressaltava que tal “nome representa no cenário de nossa atualidade de sangue e de luto”, que ocorriam por causa de “um governo que é apoiado vergonhosamente pelas baionetas do centro, toda a esperança viril desta terra”. Garantia que “o corpo glorioso” do rebelde não seria destruído pela “tirania armada em administração pública, pisando com os sapatos de ferro do arbítrio e da violência”. Saraiva era considerado “grande pelos seus heroísmos presentes e passados”, estando “à frente de uma luta abertamente declarada”, a qual seria “o protesto pelas armas de um povo que sofre todas as violências”, que partiam do governo. A respeito do periodismo situacionista, declarava que “os jornais do governo, as bocas da imprensa da difamação, chamam ao general Gumercindo de - bandido -”, demarcando que “sim, é um bandido para os bandidos que estão no poder, e que destroem vidas, com igual facilidade que

têm bebendo, em palácio, champanhe”, ao saudar “as vítimas dos morticínios covardes, planejados na má conveniência de Júlio de Castilhos e de seus outros cúmplices”. Reforçava tal ideia, ao ressaltar que “sim, é um bandido porque empunha armas contra a tirania que nos avulta” e “porque em Santa Vitória corria corajosamente à bala aqueles que assaltavam as suas estâncias, procurando arrebanhar o gado que pastoreja em seus potreiros”. Insistindo na tese de defesa do líder federalista, demarcava que “sim, é um bandido porque castiga o crime, como deve ser esta manifestação da vileza humana castigada, à bala”. Conclusivamente a redação explicitava que “nós, ao bandido que carrega muita glória consigo” e “cujo nome é imorredouro em nossa história, prestamos homenagem, dando em nosso jornal o seu precioso retrato”, de maneira que estaria “feita a justiça de nossa geração”, considerada como uma “geração de entusiasmo e de patriotismo ao bravo dos bravos rio-grandenses – o general Gumercindo Saraiva”<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> BISTURI. Rio Grande, 10 set. 1893.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

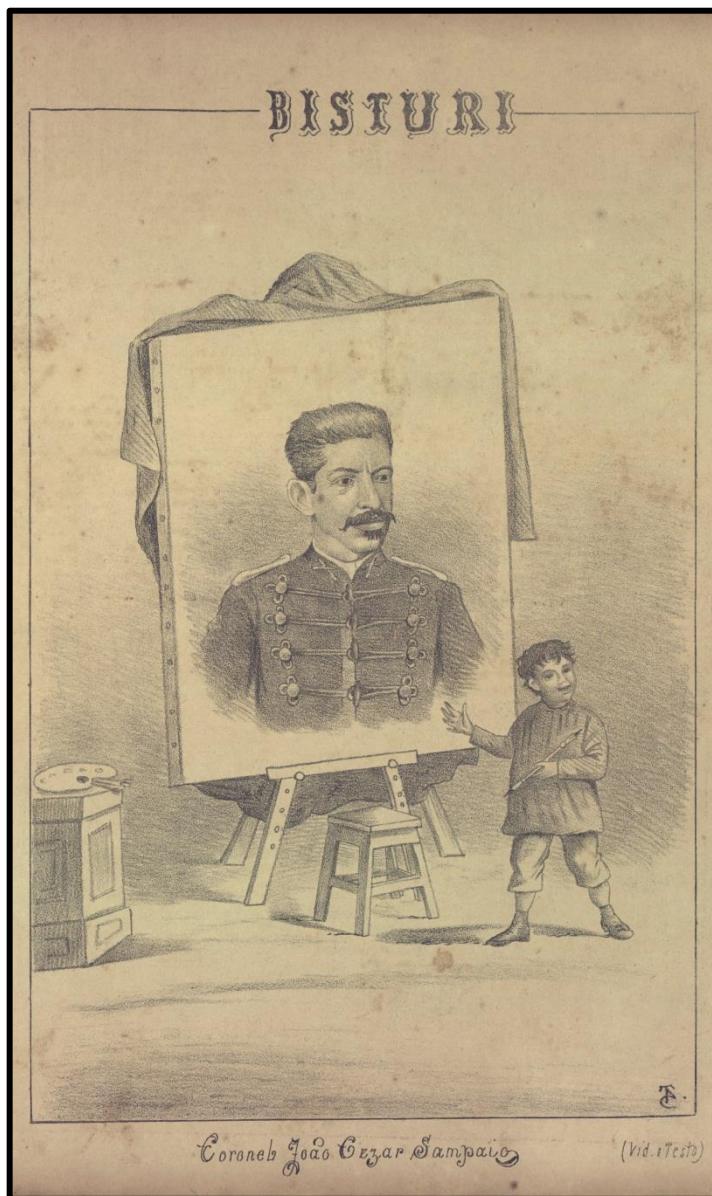


A publicação ilustrada e humorística riograndina não deixava de reconhecer o papel de alguns dos militares que atuavam no Rio Grande à época da guerra civil, como foi o caso do coronel João Cezar Sampaio, que ilustrava “a página de honra da nossa modesta folha”, na qual aparecia “o marcial perfil do denodado militar”. A respeito do personagem, dizia que a ele “os rio-grandenses, sem distinção de cores políticas”, deveriam render, “a uma voz, preito de inolvidável e sincera homenagem”, por tratar-se de “uma das glórias do nosso exército”, atuando ainda como “o sustentáculo da ordem, a garantia de todos os direitos cívicos do cidadão e o defensor intemerato do sossego e tranquilidade das famílias desta hospitaleira terra”, que passava por aquele “período revolucionário”. Declarava que “homens como Cezar Sampaio são sempre festejados e acatados onde quer que se apresentem”, de modo que “o *Bisturi* não deixaria jamais de incluí-lo na sua galeria de homens privilegiados pelo talento, pela máscula energia, pelo fino trato” e também “incontestável tino administrativo”. A folha afiançava que “o intemerato retratado” teria “o seu nome gravado em letras indeléveis na consciência de nossos conterrâneos”, merecendo “todo respeito, consideração e estima”, pois seus propalados feitos estariam “ao alcance de todos”, de forma que teria conseguido “erigir no coração do povo um altar de veneração e gratidão”<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> BISTURI. Rio Grande, 15 set. 1893.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

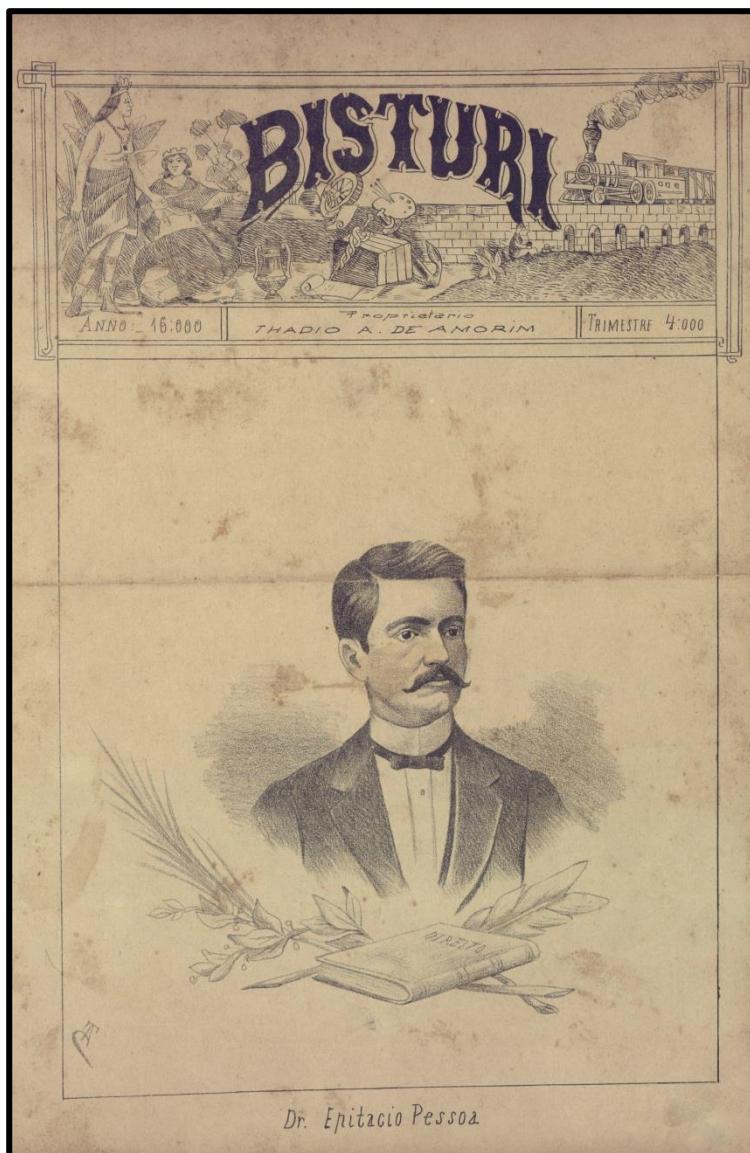


O advogado e político Epitácio Pessoa foi mais um dos personagens exaltados pela folha rio-grandina, incluindo-o em sua “galeria de homens notáveis do país”, na condição de “uma das celebrações mais opulentas da mentalidade brasileira”. Dizia que “o nosso retrato é uma das figuras mais proeminentes do parlamento, onde sabe enfrentar os adversários e provocar o entusiasmo dos parciais”. Era descrito também como “elegante e calmo na tribuna, onde nunca subiu para ser vencido”, ainda mais que “sua palavra se inflama, quando verbera os grandes abusos da administração e combate as violências do governo ou dos mandões”. Ainda a respeito do homenageado, era afirmado que se tratava de um “pensador ilimitado, perfeito conhecedor das graves questões que se agitam no momento atual”, em um quadro pelo qual, “o partido republicano há de orgulhar-se” de tê-lo “como seu representante no parlamento”. Em seguida, a folha transcrevia alguns dados biográficos acerca do parlamentar, ressaltando a “sua gloriosa carreira”, que seria “bastante conhecida”. Demarcava que “o seu nome - enaltecido pelos extraordinários triunfos obtidos na tribuna da Câmara, de que é um dos luminares e o orador mais aplaudido -” passara a ser “repetido em todo o Brasil, com admiração e respeito”, estabelecendo um contexto em que “nenhum outro parlamentar brasileiro foi ainda festejado pelo povo como o tem sido este deputado de vinte e oito anos”<sup>57</sup>.

---

<sup>57</sup> BISTURI. Rio Grande, 5 nov. 1893.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



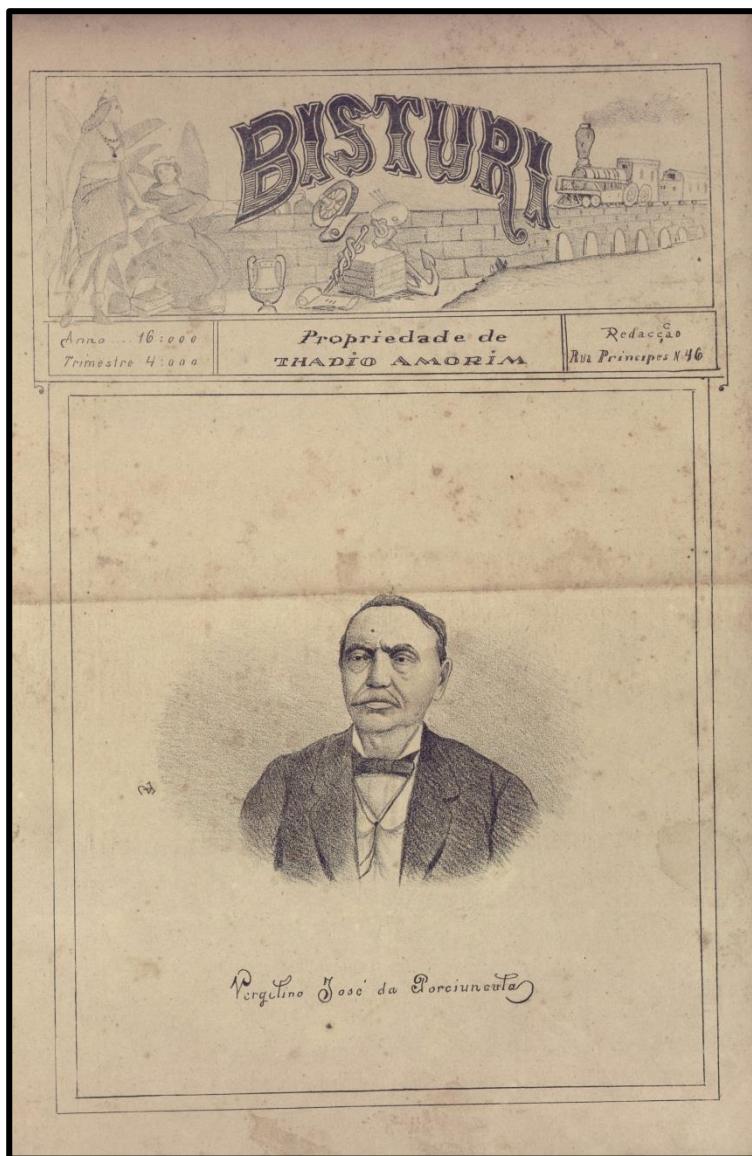
Em mais uma edição, ornamentava “a página de honra do *Bisturi* o busto respeitável de um ancião”, Virgilino José da Porciúncula, “que durante a sua passagem pelo mundo viu-se sempre cercado das mais significativas provas de respeito, consideração e estima” a partir de “sua reconhecida probidade e inexcedível lealdade”. A publicação ilustrada dizia estar rendendo suas “últimas homenagens ao amigo sincero e dedicado” que falecera, passando a citar alguns dos “cargos de confiança pública”, que o seu “retratado exerceu, sempre acatado pelo seu caráter honrado, indulgente e prestimoso”. Ao final, o hebdomadário revelava que “a exiguidade de que dispomos em um jornal de tão pequenas proporções, nos impede de nos estendermos a respeito” do homenageado, apesar do seu “desejo e do merecimento incontestável do venerando ancião, tão cedo roubado ao nosso afeto e aos carinhos de sua inconsolável prole”, a qual “legou tão sublimes exemplos de virtude”<sup>58</sup>. Na última manifestação de cunho panegírico expressa pelo semanário no ano de 1893, a homenagem recaiu sobre a figura do ex-Imperador brasileiro, em uma manifestação nostálgica e saudosista de parte do periódico para com as liberdades existentes à época imperial, ainda mais na comparação com aqueles novos tempos republicanos. Nessa linha, a folha afirmava que “no aniversário da morte de Pedro II, depositamos a nossa coroa de lágrimas sobre a sua sepultura”, sendo tal preito realizado alegoricamente por meio da figura indígena, em alusão ao povo brasileiro<sup>59</sup>.

---

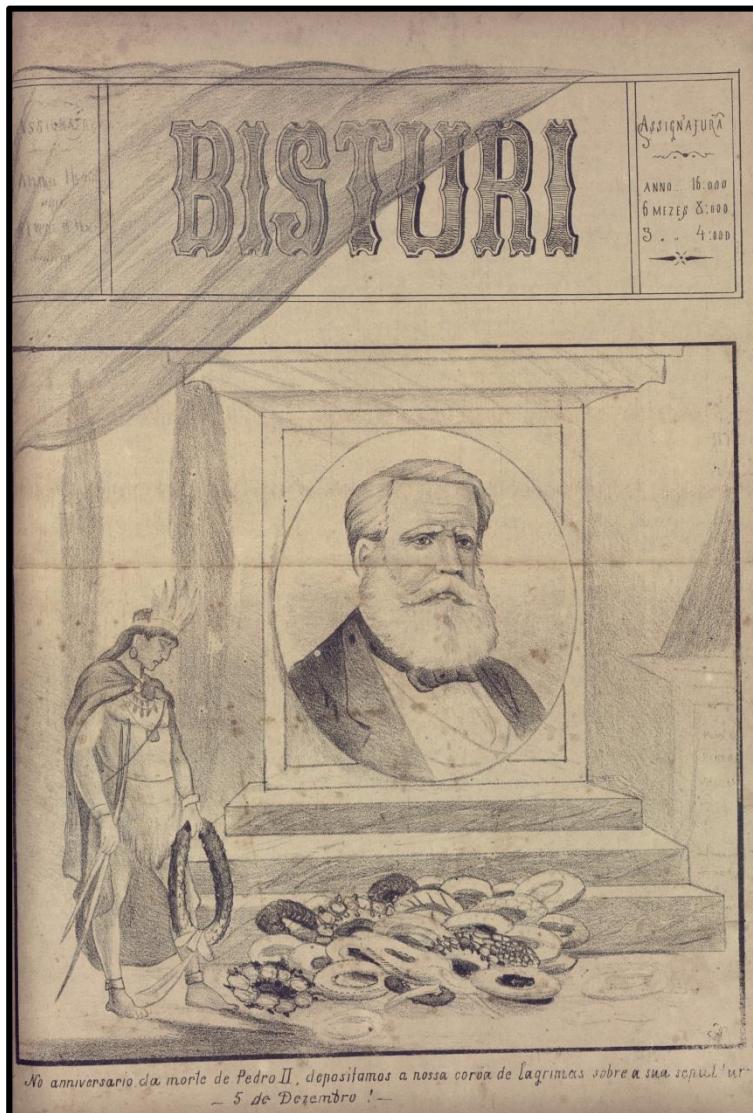
<sup>58</sup> BISTURI. Rio Grande, 12 nov. 1893.

<sup>59</sup> BISTURI. Rio Grande, 3 dez. 1893.

PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO  
LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



*No anniversario da morte de Pedro II, depositamos a nossa coroa de lagrimas sobre a sua sepulcru.  
— 5 de Dezembro! —*

## PARA ALÉM DA CARICATURA: O CONTEÚDO LAUDATÓRIO NA IMPRENSA ILUSTRADA RIO-GRANDINA

Assim, nos anos finais em que manteve uma circulação regular e contínua, entre 1892 e 1893, o *Bisturi* dedicou amplo espaço às manifestações de natureza encomiástica. Os destaques elogiosos foram destinados aos mais variados representantes da sociedade rio-grandina, sul-rio-grandense e brasileira, bem como a estrangeiros, que representavam diferentes categorias e papéis sociais. As escolhas assim recaíam desde sobre indivíduos de menor notoriedade, até personagens de amplo destaque e grande reconhecimento. Ainda que as homenagens panegíricas não tivessem necessariamente um viés político-ideológico, sendo voltadas a destaques individuais que serviam para, de certo modo, aliviar a carga crítica que constituía o filão editorial, o periódico não deixou de demonstrar suas filiações/simpatias nesse campo, havendo amplo destaque a figuras que representavam a oposição que se contrapôs aos moldes autoritários que dominavam o Brasil e o Rio Grande do Sul, de modo que, mesmo através dos encômios, o semanário não deixou de lado sua postura oposicionista e de resistência ao autoritarismo vigente.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025

